



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ REITORIA DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PESQUISA E EXTENSÃO EM HISTÓRIA DA PARAÍBA
ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS DE HISTÓRIA LOCAL:
SOCIEDADE, EDUCAÇÃO E CULTURA**

MICHEL GALDINO DO NASCIMENTO

**MEMÓRIAS ENTRELAÇADAS EM UM PATRIMÔNIO:
A SANTA FÉ DE PADRE IBIAPINA**

CAMPINA GRANDE – PB
2020

MICHEL GALDINO DO NASCIMENTO

**MEMÓRIAS ENTRELAÇADAS EM UM PATRIMÔNIO:
A SANTA FÉ DE PADRE IBIAPINA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos História Local: Sociedade, Educação e Cultura, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Especialista em História Local.

Linha de Pesquisa: Memória e Patrimônio Cultural

Orientador: Prof. Me. Glauber Paiva da Silva

CAMPINA GRANDE - PB
2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N244m Nascimento, Michel Galdino do.
Memórias entrelaçadas em um patrimônio: [manuscrito] : a Santa Fé de Padre Ibiapina / Michel Galdino do Nascimento. - 2020.
43 p. : il. colorido.
Digitado.
Monografia (Especialização em Estudos de História Local, Sociedade, Educação e Cultura) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2020.
"Orientação : Prof. Me. Gláuber Paiva da Silva, UFRPE - Universidade Federal Rural de Pernambuco ."
1. Santa Fé - Paraíba. 2. Memória. 3. Patrimônio histórico.
4. História da Paraíba. I. Título

21. ed. CDD 981.33

MICHEL GALDINO DO NASCIMENTO

MEMÓRIAS ENTRELAÇADAS EM UM PATRIMÔNIO:
A SANTA FÉ DE PADRE IBIAPINA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos História Local: Sociedade, Educação e Cultura, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Especialista em História Local.

Linha de Pesquisa: Memória e Patrimônio Cultural

Aprovado em: **27/06/2020**

Michel Galdino do Nascimento

Michel Galdino do Nascimento
(Autor)

BANCA EXAMINADORA

Glauber Paiva da Silva

Prof. Me. Glauber Paiva da Silva (Orientador)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Iordan Queiroz Gomes

Prof. Dr. Iordan Queiroz Gomes (Examinador Interno)
Universidade Estadual da Paraíba

Alex Alves de Oliveira

Prof. Me. Alex Alves de Oliveira (Examinador Externo)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Dedico esse trabalho, primeiramente aos meus pais, Marinésio e Dalva. Dedico também a todos os historiadores que tem árdua missão de desvendar o nosso passado, sem apoio, sem valorização, mas nunca desistindo. Dedico também a todos os educadores do Brasil, pela sua luta em levar o conhecimento em tempos de ignorância. Dedico também a todos os profissionais da saúde, que nesses tempos difíceis se arriscam para se entregar ao bem do próximo. Por fim, dedico também aos meus “Vôs” Pedro Paulo e José Cirilo (in memoriam), homens fortes, guerreiros de outros tempos, a quem sempre guardarei com admiração seus ensinamentos.

AGRADECIMENTOS

A lista é extensa e, temendo cometer omissões e injustiças, tentarei ser breve. Começo pelos meus pais, que merecem um parágrafo exclusivo cada um.

Agradeço a minha mãe, Dalva, que sempre me apoia em tudo e que, assim como na graduação, fez de tudo para me ver de cabeça erguida e nunca fraquejar nessa difícil e sofrida caminhada. É a pessoa que mais amo no mundo, que além de mãe, é amiga, conselheira e parceira de todas as horas, a quem eu mais quero dar orgulho. Com certeza eu não teria chegado até aqui sem ela. Qualquer coisa que se diga aqui é insuficiente para demonstrar minha gratidão. Obrigado pelo apoio, pelo incentivo e por não me deixar desistir. Espero te dar mais orgulho. É tudo por você.

Ao meu pai, Marinésio, pelo apoio que sempre me deu e continua me dando. Não há palavras para descrever o que o senhor significa pra mim, pela figura ética, decente e honesta que é e que me fez ser. Se hoje sou o homem que sou é por todo um espelho sempre tive em casa. Por mais que não fale, sei do seu orgulho em ter um “filho formado”, está explícito nos gestos e a cada vez que diz “meu menino é professor”. Espero nunca te decepcionar e te dar cada vez mais orgulho, como também espero um dia poder retribuir de alguma forma tudo que sempre fez por mim.

Aos meus avós maternos, José (*in memoriam*) e Antônia, por me acolherem em sua casa semanalmente para poder concluir essa especialização, palavras não representam o tamanho da minha gratidão a vocês. Queria que o senhor estivesse entre nós para ver mais essa conquista do seu neto, mas sei que onde estiver estará feliz. Espero dar cada vez mais orgulho e apoio pra senhora na falta que ele faz em nossa família. Sou infinitamente grato a vocês.

Aos meus avós paternos, Pedro (*in memoriam*) e Silvinha, pelos ensinamentos que me deixaram na vida, principalmente na minha infância e adolescência, quando mais convivemos. Ele pela índole que sempre teve, patrono da família, que mesmo tantos anos após sua partida ainda tem tanto a nos ensinar. Ela, mesmo hoje não tendo mais ciência do que ocorre na vida, tenho certeza que estaria feliz e orgulhosa, pelo apoio que me deu no início da minha trajetória acadêmica, e por ser uma inspiração para que eu seguisse a vida de professor. Meu muito obrigado a vocês.

Aos meus familiares próximos, meus irmãos Rafael, Thiago e Vitoria, minha Vivi, que alegria nosso lar desde sua chegada, e também a minha prima e melhor amiga Mayara, por toda a dedicação e apoio que tem dado na minha vida desde que me entendo por gente, e por se orgulhar mais do que eu mesmo a cada conquista. Minha gratidão a você é eterna.

A todos os entrevistados dessa pesquisa, por terem contribuído imensamente no processo de construção do trabalho, e em especial ao padre José Floren, que desde a graduação vem me dando ajuda documental sem pedir nada em troca. Sem ele essa pesquisa não teria o mesmo sucesso. Minha eterna e sincera gratidão.

Ao NUPEHP e todos que fazem parte dele, por me proporcionar, além da própria especialização, estar em contato com documentação e pesquisa, e pelo convívio que tenho tido nesses meses fazendo parte do núcleo. Tenho certeza que cresci como pesquisador e produtor de historiografia e que ainda posso evoluir com seu apoio.

Agradeço a todos os professores que passaram em minha trajetória estudantil, da pré-escola à pós-graduação, cada um de vocês, tenha certeza, contribuiu de alguma maneira na minha formação. Faço aqui um agradecimento especial ao meu orientador, Professor Glauber Paiva, pelo apoio e incentivo incondicional desde o início de nossa parceria, sempre disposto e disponível a ajudar, seja com dicas, tirando dúvidas, com leituras indicadas e por me aguentar nos momentos de agonia, sempre com sua calma e inteligência. Sou grato pelo trabalho até aqui realizado e por sua calma e solicitude em não impor, e sim sugerir e negociar todo o percurso.

Meu muito obrigado aos membros da banca, por se disporem a fazer a leitura e avaliação desse trabalho, espero aprender com cada um de vocês e que tenham muito a me ensinar.

Agradeço a todos os meus amigos, de vida e os “do busão” por me ajudarem com momentos de descontração, com conversas, apoio, trocas de experiência, ou simplesmente por ajudarem a tornar as viagens menos cansativas. Temendo cometer injustiças com esquecimentos, não citarei nenhum nome aqui, mas vocês sabem quem são. Muito obrigado.

A todos os meus amigos e colegas de curso, que ajudaram a aguentar as cansativas e exaustivas noites de sexta e manhãs e tardes de sábado. Cito aqui, para representar todos, a “minha equipe”, Augusto, Joabson e Francisco. Agradeço à minha “notívaga parceira” Vanuza, pelas conversas e desabafos madrugadas adentro, tentando entender se ainda tínhamos juízo com essa desgastante, mas muito proveitosa empreitada. A todos vocês, meu muito obrigado.

Não poderia deixar de agradecer a mim mesmo, pois só eu sei o que passei desde o início do curso. Concluí-lo é uma grande vitória e minha força de vontade me surpreende a cada barreira ultrapassada, a cada vitória conquistada. Sou grato a mim mesmo por nunca ter desistido, ter enfrentado lama, chuva, sol, quedas (literais) para poder chegar até esse momento. Espero continuar me surpreendendo cada vez mais e estar preparado para novos desafios.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a Deus, pois se um dia duvidei de sua existência, hoje sou grato por tudo que tem proporcionado na minha vida, é inegável sua presença e proteção. Sou a Ti eternamente grato... A todos esses, meu MUITO OBRIGADO!!!

MEMÓRIAS ENTRELAÇADAS EM UM PATRIMÔNIO: A SANTA FÉ DE PADRE IBIAPINA

Michel Galdino do Nascimento¹

RESUMO

As temáticas da memória e do patrimônio se encontram atualmente em evidência nos estudos historiográficos e podem ser trabalhados de diferentes maneiras e sob perspectivas diversas. Não obstante, quando se alia, em um mesmo estudo, as peculiaridades de um processo de tombamento de um local, com as características que fazem desse local um lugar ímpar de memória de um personagem já amplamente estudado em outras perspectivas, tem-se aí algo inovador, pelo menos para este local e esse personagem em específico. Dessa forma, o que se faz aqui é uma análise do processo de tombamento do Santuário de Padre Ibiapina em Santa Fé – PB, através da explanação da documentação do processo de tombamento implementado pelo IPHAEP que o patrimonializou, mostrando como esse lugar de patrimônio exerce a função de memória do missionário através dos chamados monumentos ou lugares de memória, tendo para isso os aportes teóricos encontrados em Halbwachs (1990), Le Goff (1990) e Pollack (1989), (1992). Assim, após se apresentar o personagem, seu trabalho e o local estudado, envereda-se por essa perspectiva de análise do memorial tombado a partir de sua função exercida, de um lugar realmente de memória. Espera-se que o leitor, ao longo da leitura deste trabalho, compreenda esse processo, e que esse contribua para enriquecer os estudos sobre Santa Fé e sobre seu personagem principal, Padre Ibiapina.

Palavras-Chave: Santa Fé e Ibiapina. Tombamento. Memória.

¹ Graduado em História pela Universidade Estadual da Paraíba. Membro do Núcleo de Pesquisa e Extensão em História da Paraíba (NUPEHP). E-mail: michel_galdino@ymail.com.

MEMORIES INTERLATED IN A PATRIMONY: THE SANTA FÉ OF PRIEST IBIAPINA

Michel Galdino do Nascimento²

ABSTRACT

The themes of memory and heritage are currently found in historiographic studies and can be worked in different ways and from different perspectives. Nevertheless, when, in fact, in the same study, as peculiarities of a process of tipping a place with resources that make that place an important place for the memory of a character already widely studied in other strategies, it has something innovative, at least for this location and that specific character. Thus, what here makes an analysis of the process of tipping in the Sanctuary of Priest Ibiapina in Santa Fé - PB, through the explanation of the use of the tipping process implemented by IPHAEP that patrimonialized the sanctuary, showing how this place of exercise a function of memory of the missionary through monuments or places of memory, bearing in mind that the following theorists found in Halbwachs (1990), Le Goff (1990) and Pollack (1989), (1992). Thus, after introducing the character, his work and the place of study, he will be analyzed from this perspective of analysis of the memorial listed from its function, from a place of memory. It is hoped that the reader, while reading this work, will understand this process, and that it will contribute to enrich the studies on Santa Fé and its main character, Father Ibiapina.

Keywords: Santa Fé and Ibiapina. Tipping. Memory

² Graduated in History from the Universidade Estadual da Paraíba. Member of the Núcleo de Pesquisa e Extensão em História da Paraíba (NUPEHP). E-mail: michel_galdino@ymail.com.

SUMARIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O HOMEM, O MISSIONÁRIO, A FIGURA SANTIFICADA: VIDA E OBRA DO PADRE IBIAPINA	13
3 UMA VIDA DEDICADA À CARIDADE: AS CASAS DE CARIDADE DE IBIAPINA	19
4 A “MENINA DOS OLHOS” DE IBIAPINA: A CASA DE CARIDADE DE SANTA FÉ ...	23
5 A “CARIDADE” SE TORNA SANTUÁRIO: O PROCESSO DE TOMBAMENTO DE SANTA FÉ	26
6 SANTA FÉ E IBIAPINA: UM LUGAR, UM PERSONAGEM, E A MEMÓRIA QUE OS UNE	32
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
FONTES	40
REFERÊNCIAS	42

1 INTRODUÇÃO

Atualmente nos escritos historiográficos têm se destacado cada vez mais os estudos sobre as temáticas da chamada História Cultural, especialmente no que tange aos estudos de História Local. Dentro dessas conjunturas, destaco aqui as que envolvem os estudos acerca da Memória, especialmente da coletiva, e do chamado Patrimônio Cultural. Essas duas perspectivas foram as escolhidas para a construção desse trabalho, que elegeu um lugar marcado por um personagem de destaque, que influenciou a inserção desse local no rol de bens patrimoniais, o que alavancou o status desse bem como lugar de memória do dito personagem. Dito de outra maneira, esse estudo mostra o processo de tombamento e patrimonialização do Santuário/Memorial Padre Ibiapina em Santa Fé-PB, bem como enfatiza a forma com que esse memorial exerce a função primordial desse termo, qual seja, de resguardar, promover e propagar a memória a quem ele se dedica, no caso aqui, o missionário Padre Ibiapina, colaborando assim para enriquecer a produção sobre a História Local, principalmente do lugar e do personagem estudados.

Antes de adentrar estritamente na apresentação do trabalho, cabe aqui destacar algumas linhas acerca de como se enxerga e trabalha a questão patrimonial relacionando-as aos seus usos como espaço de memória. Segundo Poulot (2009), na nossa vida cultural, raros são os termos que possuem um poder de evocação tão grande quanto patrimônio, uma vez que, acompanha a multiplicidade das comemorações, que caracterizam a busca pela frequente memória de fatos relevantes do passado de determinada comunidade e cotidianamente usamos esse termo para designar patrimônios econômicos, financeiros, imobiliários, como também para bens culturais, arquitetônicos, e históricos, como é o caso aqui analisado.

Assim o patrimônio assume, de certa forma, a função de herança do passado dessa comunidade, e por tabela, de registro de memória deste, onde se reivindica sua posse coletiva, cuja preservação deve ser assegurada pela sociedade, do presente ou do futuro. Tal preservação deve ser efetuada tanto pela gestão política desses locais, os quais se encarregam de desenvolver mecanismos, através de leis e regulamentos, para preservar esses patrimônios, como também pela própria comunidade, através do respeito a essas normas e do empenho em preservar e criar, em concordância com as instancias públicas, novos usos para esses locais através dos tempos, preservando sua integridade e memória (POULOT, 2009).

Dessa forma, a concepção e a formulação de um determinado lugar como patrimônio depende dos interesses sociais dos governantes e das diversas camadas da sociedade de preservar os bens tidos como merecedores de tombamento, uma vez que, quando tombado passa

a se configurar como patrimônio cultural coletivo, tornando-se responsabilidade de todos da comunidade onde o bem se insere, como ocorre em Santa Fé, onde o bem tombado é devidamente valorizado e preservado, atuando como lugar central da história e da memória de Ibiapina, bem como do próprio local (FUNARI; PELEGRINI, 2009).

Assim, a forma como essa comunidade se apropria do bem tombado, como é visitado, interpretado, como influencia o meio onde se encontra, se associam às formas com as quais ele se apresenta, acarretando novos olhares, novas perspectivas, e até novos usos que dele se fazem. Com isso, o patrimônio não apenas simboliza ou representa um resquício de um tempo passado, ele deve estar em evolução no agir social, na mediação entre passado e presente, humanos e divindades, mortos e vivos, onde ao mesmo tempo em que simboliza o passado e a memória, também constrói novas formas de usos desse espaço tombado, entendendo por tombamento o conjunto de ações legais do poder público que, sob legislação específica, visa garantir a preservação dos bens culturais, da memória coletiva e, conseqüentemente, da identidade cultural da comunidade, impedindo a sua destruição e o conseqüente esquecimento (GONÇALVES, 2002; POULOT 2009).

Uma das formas de se preservar os bens patrimoniais tombados é promover a sua inserção no cotidiano da comunidade em que ele se situa, através de ações voltadas para a sensibilização dos habitantes para o valor desse patrimônio, uma vez que, são eles, agentes diretos da transformação social e dos usos que se faz desses espaços. Assim, essa comunidade passa a gozar desse patrimônio cultural, devendo cuidar para que o bem não seja dilapidado ou empobrecido, mas sim valorizado, preservado, cabendo talvez uma modificação em seus usos, de modo que as futuras gerações possam usufruir desses espaços, contribuindo para que o patrimônio assuma valor de coletividade, como rica herança da memória de um lugar ou de um personagem, tal qual Santa Fé e Ibiapina (TOLENTINO, 2012).

Pode-se dizer assim que, a relação entre memória e o patrimônio deve ser pautada pelo objetivo da preservação, das particularidades de cada lugar e de reconhecer as múltiplas influências que uma identidade possui sobre outra, como a influência que Ibiapina exerce sobre esse espaço, bem como esse espaço, de Santa Fé, promove sua imagem e sua memória através dos anos, desde o final do século XIX até os dias atuais, com modificações ao longo dos tempos nos meios de preservação e propagação dessa memória, até se chegar ao seu auge com o tombamento que transformou o Santuário em patrimônio, em memorial, lugar por excelência da salvaguarda da memória do missionário (VIANA, 2016).

Dentro do estado da Paraíba, o órgão público responsável por esses processos é o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP), que tem por

missão a preservação de bens culturais paraibanos que não estão protegidos pelo IPHAN, compreendendo bens de caráter histórico, artístico, folclórico, florístico e arqueológico, como se deu com o dito santuário, sendo o órgão sacralizador do patrimônio histórico paraibano, principalmente por meio dos decretos de tombamento por ele expedidos. Um dos objetivos atuais do IPHAEP é aliar o status de patrimônio atribuído ao lugar tombado com políticas de turismo, visando o desenvolvimento econômico do local, como ocorre em Santa Fé, onde se alavancou o turismo religioso não só da área tombada como de seu entorno, gerando recursos financeiros para a comunidade local, e assim ressignificando seus usos ao mesmo tempo em que promove a memória de Ibiapina no local, como também para pessoas de fora da comunidade (OLIVEIRA, 2010).

Dito isso, o trabalho aqui desenvolvido, mostra como essa patrimonialização do Santuário de Santa Fé segue os trâmites legais de tombamento, mas com a diferença de que, realmente alcança, em grande medida, os objetivos propostos quando se transforma um bem cultural em patrimônio, qual seja, de preservar o local, razão principal, a nosso ver, quando se trata de tombamentos, mas também de reutilizar o espaço tombado, não abandonando e os tornando intocáveis, mas fazendo com que a comunidade local o enxergue como um bem, como um patrimônio, fazendo entender que deve sim ser preservado, mas ao mesmo tempo podem usufruir desse espaço de preservação e dele fazer outros usos, ou mesmo manter os usos primordiais desses espaços, sem infringir as regras de preservação. Assim, em Santa Fé, se tem um lugar não apenas de preservação, mas também um local de fé, de peregrinação, de culto e de memória, bem como também de lazer ou de práticas esportivas.

Esses usos são feitos não para negar ou destruir a memória presente nesse lugar, mas para preservá-la, uma vez que, como será visto, a memória de Ibiapina é o fator que move a engrenagem do santuário. Dessa forma, apesar de parecer óbvio se trabalhar a memória de um personagem em um lugar que leva seu nome, o que instigou essa pesquisa foi notar o quanto esse fato é realmente importante, uma vez que não é só um nome dado, mas a ligação que o personagem tem com o lugar. O Padre Ibiapina que batiza o memorial foi o construtor inicial desse lugar, figura ímpar na região e sobre o qual, cada espaço do atual santuário foi construído através dos tempos, em vida ou após sua morte, para preservar sua memória. Se aliando à temática da memória, entra a questão do tombamento, do patrimônio, que vem para legitimar a memória de tal personagem e que traz o ineditismo dessa pesquisa, mostrando o processo que culminou com o tombamento do santuário e sua conseqüente transformação em um memorial dedicado à Ibiapina.

Para isso, no percurso de análise e construção desse trabalho se faz uso de algumas leituras e fontes, que aliadas, construíram a pesquisa que o leitor está prestes a adentrar. Primeiramente destacamos aqui uma gama de bibliografias que trabalham a figura do Padre Ibiapina, o seu trabalho, as Casas de Caridade, da própria Casa de Santa Fé, ou ainda dos escritos que tangem os conceitos de memória, criando uma base de leituras e de revisão do que já foi dito em outros estudos. Outra fonte que se destaca é o uso das fotografias do santuário, estritamente dos locais de realce dentre os bens tombados, que aqui se aliam aos discursos mencionados na intenção de legitimá-los, sendo usadas não só como ilustração da fala, mas também como fonte histórica. Dá-se um destaque aqui, entre as fontes dessa pesquisa, a documentação referente ao processo tombamento do santuário, onde se encontra o dito ineditismo topical desse estudo, mostrando os trâmites que transformaram Santa Fé em Patrimônio. Por fim, aliando-se tanto às demais fontes, entram os relatos orais colhidos em entrevistas, todas no próprio santuário, com fiéis, turistas, peregrinos e com religiosos locais, que vem valorizar e dar destaque aos populares, tanto da comunidade como visitantes, servindo como fonte histórica não vista ou dita por outro, mas por quem forma hoje esse local, os fiéis, que inseridos na coletividade da comunidade, transparecem suas opiniões e olhares sobre o personagem e sobre o local estudado.

Cabe aqui, dedicar algumas linhas à análise de como se observa e se faz uso das fontes orais. Entende-se que, através da oralidade, é possível promover uma valorização maior do homem, do ser humano enquanto fonte viva de história, ou seja, a oralidade é percebida aqui como meio de valorização do ser humano em sua individualidade, sem esquecer seu lugar primordial como representante coletivo, trazendo à tona novas percepções do lugar através de relatos individualizados vividos em âmbito coletivo, e assim, dar voz a quem não a tinha, contribuindo para a formação de um novo nível de historicidade, principalmente na esfera local, através da representação da vida cotidiana dessa comunidade e dos olhares que se faz do espaço estudado. Com a oralidade e a documentação desses relatos, se abre uma nova abordagem e se amplia o campo de fontes, mas com os relatos de sujeitos diretamente ligados ao contexto dessa coletividade, ou seja, com uma relação de proximidade e até mesmo de afeto, uma vez que está inserido no meio a ser estudado (MONTENEGRO, 2010).

Já no que tange às fotografias, essas são analisadas aqui como fonte histórica, como representação do espaço estudado, construída num determinado contexto histórico e para um dado público, com objetivos variantes, que nesse estudo, se vinculam aos interesses de mostrar, no tempo presente, os bens tombados e espaços/lugares de memória encontrados em Santa Fé, uma vez que, a partir delas, se faz possível aproximar o leitor do lugar estudado, mesmo que

apenas através de uma observação iconográfica, aliando-se às bibliografias e demais fontes utilizadas na construção do texto, o que possibilita possíveis acordos ou até desacordos, e assim dar maior credibilidade visual à pesquisa (CABRAL FILHO, 2009).

Abarcando essa documentação e bibliografia, esse trabalho se divide em cinco tópicos que convergem para o objeto e temática aqui abordada. Na primeira parte, introduzimos o leitor ao personagem foco do lugar abordado, ou seja, Padre Ibiapina, mostrando seu histórico de vida, principalmente na vida pregressa ao sacerdócio, relatando como tudo que vivenciou converge para o futuro visto como santificado, tanto por seus biógrafos como pelos fiéis, tema que também é rapidamente abordado nesse tópico. Nos segundo e terceiro tópicos, se abordam, respectivamente, as Casas de Caridade fundadas por Ibiapina, os trabalhos por elas realizados e a Casa de Santa Fé, objeto de nosso estudo e instituição de maior destaque dentre as demais, mostrando ao leitor os trabalhos realizados pelo missionário e o ambiente em que se criou a instituição e o lugar que se tornaria o santuário aqui estudado. Esse estudo se dá no quarto tópico, em que, através da análise da documentação oficial do processo de tombamento, se mostra como o poder público institucionalizou, através da patrimonialização, o já espaço de culto de Santa Fé, mostrando como esse processo visava preservar e ainda melhorar a estrutura do local, criando um ambiente atrativo para fiéis e turistas. Por fim, no quinto e último tópico, se aborda a questão da memória, estritamente como o Santuário Santa Fé funciona como lugar por excelência da memória de Ibiapina, mostrando como e por quais razões afirmamos que a sua memória está em cada recanto daquele lugar, onde exerce tamanha influência, que sua imagem, obra e legado, se unem intrinsecamente a esse lugar, tornando impossível pensar no personagem sem lembrar do lugar, e vice-versa.

Assim, espera-se que, ao final da leitura, o leitor entenda os objetivos aqui traçados e tenha pelo menos uma noção do quão importantes são esse espaço e esse personagem para a comunidade local, bem como compreenda esse processo patrimônio/memória/Ibiapina/Santa Fé, percebendo as nuances dessa relação, e essencialmente, notando como Ibiapina foi importante para Santa Fé em vida bem como a forma que Santa Fé se faz importante para a memória do missionário após sua morte, e como o tombamento ajudou a legitimar e propagar esses olhares nos dias atuais.

2 O HOMEM, O MISSIONÁRIO, A FIGURA SANTIFICADA: VIDA E OBRA DO PADRE IBIAPINA

José Antônio Pereira nasceu em 5 de agosto de 1806 na Fazenda Morro, na atual cidade de Sobral-CE, sendo o terceiro filho de Francisco Miguel Pereira e Tereza Maria de Jesus. Seu pai, que pertencia a uma abastada elite familiar da região das proximidades de Sobral-CE, casou-se contrariando a vontade de seus familiares, que desejavam que ele se tornasse sacerdote. Em consequência disso, foi deserdado e, sem meios de sobrevivência naquela cidade, foi obrigado a migrar para a Vila de São Pedro de Ibiapina, atual Ibiapina-CE, localizada próxima à serra do Ibiapina ou Ibiapaba, situada entre os estados do Ceará e Piauí, passando ainda por Icó e Crato entre 1819 e 1823 (MADEIRA, 2008; LUCENA, 2017).

Ainda em 1823, a família chega à Fortaleza em busca de cuidados com a saúde de dona Tereza, debilitada após um parto prematuro no qual acabou perdendo a criança, vindo a falecer pouco depois. Buscavam também uma melhor educação para os filhos, principalmente para o menino José Antônio, uma vez que o pai tinha a intenção de que ele seguisse carreira sacerdotal. Quanto ao sobrenome Ibiapina, esse foi incorporado por Francisco Miguel, e também por todos os seus filhos, em referência à serra e à cidade onde a família passou grande parte de suas vidas após saírem de Sobral, passando assim o futuro padre a assinar como José Antônio Pereira Ibiapina. Tal alcunha se populariza ainda mais pela região após o pai e o irmão mais velho do padre, Raimundo Alexandre Pereira Ibiapina, se envolverem e lutarem no movimento revolucionário da Confederação do Equador, usando o sobrenome Ibiapina como uma espécie de nome de guerra (PINTO JÚNIOR, 2002; LUCENA, 2017).

As consequências do envolvimento familiar nesse movimento revolucionário foram desastrosas para a vida do futuro sacerdote. Ainda em 1823, logo após a perda da mãe, Ibiapina ingressa pela primeira vez no Seminário de Olinda-PE, na intenção de seguir a vida sacerdotal. No entanto, se vê obrigado a abandonar essa primeira empreitada religiosa em virtude dos desdobramentos dos conflitos dos confederados contra as forças imperiais, que culminaram com a derrota dos revoltosos e a consequente prisão do pai e do irmão de Ibiapina. Seu pai foi julgado e condenado ao fuzilamento pelos crimes cometidos contra o Império, enquanto seu irmão, Raimundo Alexandre, foi enviado para a famosa prisão da Ilha de Fernando de Noronha, onde também acabou falecendo sob circunstância misteriosas. Esses fatos fizeram com que Ibiapina tivesse que assumir, desde cedo, responsabilidades para com a família, cuidando dos seus irmãos após a morte dos pais e do irmão mais velho. Pra agravar a situação, Ibiapina teve todos os seus bens familiares restantes confiscados por ordem do governo imperial, dificultando a sua reestruturação. Depois disso, Ibiapina migrou para Pernambuco, onde teve de assumir o sustento das suas irmãs, conseguindo colocação para elas no convento Madre Tereza, no Recife,

enquanto tentava prosseguir nos estudos, fato que só conseguiu efetivar quatro anos mais tarde, após os rumos tomados por seus irmãos e irmãs (MADEIRA; 2008; LUCENA, 2017).

A partir de 1828, volta a fazer parte do seminário e, concomitantemente, também começa a estudar Direito em Recife, tendo que abandonar o seminário pela incompatibilidade de horários, dedicando-se apenas ao segundo, no qual se forma em 1832. Também se dedicou à vida pública, exercendo as funções de professor de Direito Natural³ em 1833. Ainda foi eleito Deputado Geral pelo Ceará para a legislatura de 1834 a 1837. Pelo destaque em seu mandato, foi indicado para assumir dois cargos a escolher: um de governador de província e outro na pasta da justiça. O convite foi oficialmente recusado por Ibiapina, mas segundo seus biógrafos, a verdade é que José Martiniano Pereira de Alencar⁴, ao saber de tal convite, fez insistente campanha para vê-lo afastado das funções públicas, pois via em Ibiapina uma extrema ameaça ao seu legado e a sua hegemonia política na província do Ceará, sendo ele o responsável pela trama que encurtou a passagem de Ibiapina como Juiz da Comarca de Campo Maior (atual Quixeramobim-CE), que ocorreu apenas entre 1834 e 1835, bem como abreviou sua carreira política, usando de sua influência para impedir que Ibiapina se reelegesse ou ocupasse outro cargo público de nomeação enquanto ele estivesse nos desmandos da citada província (MADEIRA, 2008; CARVALHO 2003).

Em 1837, Ibiapina vai para Recife montar seu escritório de advocacia, para poder exercer a função de forma autônoma. Como advogado, Ibiapina defendeu causas no âmbito civil e do direito da família, engajado na defesa da moral familiar, preceitos que carregou por toda a vida e que se tornaram mais fortes na vida religiosa/missionária, principalmente na administração das suas Casas de Caridade, como será visto mais à frente. Entre 1838 e 1840, vai trabalhar como advogado criminal na Vila Real do Brejo de Areia, atual cidade de Areia-PB, onde ganhou notável destaque na defesa dos pobres e desamparados (CARVALHO, 2015; PINTO JÚNIOR, 2002).

Entre 1840 e 1850, o futuro missionário fixou-se em Recife, dedicando-se exclusivamente a profissão de advogado, a qual exerceu durante 12 anos. Em 1850, subitamente ele fechou seu escritório, separou-se dos livros de Direito e abandonou a carreira, comprando

³ Sobre a vida pessoal de Ibiapina, nessa época ocorreu um fato que marcou sua vida e influenciou em seu futuro, sendo descrito e repetido pelos biógrafos. Esse acontecimento foi o fato de ter sido noivo de Carolina Clarence, sobrinha de Martiniano de Alencar, antes de assumir o cargo de Professor Jurídico. O matrimônio não se concretizara, pois ela fugira, casando-se com um primo, Antônio Lima Ferreira Sucupira, em novembro de 1833, episódio que o futuro fundador das Casa de Caridade somente saberia um mês depois, ao regressar ao Ceará. Cf. Mariz, 1942 e MADEIRA, 2008.

⁴ Mais conhecido adversário de Ibiapina na vida política e judiciária, Alencar foi um padre que abandonou a vida sacerdotal e atuou como jornalista e político, destacando-se pelo mandato vitalício como senador no Ceará de 1832 até sua morte em 1860, sendo também governador da província do Ceará em duas oportunidades, entre 1834 e 1837, e no biênio 1840-1841. Dentre seus treze filhos, destaca-se o famoso escritor José de Alencar. Sobre as desavenças criadas entre Ibiapina e Alencar ver MADEIRA, 2008, p. 38-50.

um terreno em Recife, onde viveu em oração e meditação por três anos. Decidido pelo sacerdócio, vendeu seus bens para o dote ao ingresso no clero, sendo ordenado em julho de 1853. Aos 47 anos, o Doutor se tornou Sacerdote. Nessa fase da vida, foi vigário geral e professor de Eloquência Sagrada e História Sagrada e Eclesiástica no seminário de Olinda, entre os anos de 1854 e 1855. Em 1856 Ibiapina se consagra a Maria, trocando o sobrenome Pereira e passando a se chamar José Antônio de Maria Ibiapina. Nesse momento, dada a epidemia de cólera instalada na região, Padre Ibiapina renuncia aos cargos antes exercidos e inicia sua peregrinação pelo interior do Nordeste, construindo obras como açudes e cemitérios, fundando hospitais e, principalmente, Casas de Caridade, pelas quais o missionário se tornou notável, em estados como Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, e Paraíba, com destaque para este último, onde fundou o maior número de casas de caridade e onde foi criada a Casa de Caridade de Santa Fé, considerada a principal entre todas as instituições. Sua atividade missionária se estendeu de 1856 até sua morte em 1883 (MENEZES, 1998; CARVALHO, 2015).

Pelos seus feitos, Ibiapina é considerado um santo popular em Santa Fé e região, bem como em grande parte dos lugares por onde ele passou e implementou suas construções. Apesar de acreditarmos que a devoção popular tenha sido o principal fator para essa santidade atribuída ao missionário, não se pode negar o fato que os escritos biográficos sobre ele tenham influenciado diretamente os discursos atuais que o retratam como figura divina, mesmo quando ainda em vida. Nos escritos biográficos, as narrativas têm o intuito de mostrar a benevolência e o natural destino santificado de Ibiapina, desde sua origem familiar, a condição social, a procedência geográfica, a vocação, a conversão religiosa, o sofrimento, o detalhamento dos feitos caridosos, o poder de sua palavra, a sua glorificação pelos fiéis, o seu martírio, enfim, até sua morte tida como o início da recompensa eterna (MADEIRA, 2008).

Dessa forma, segundo seus biógrafos, existe assim um Ibiapina santo em todas as áreas em que atuou, ou seja, como político, como juiz, como advogado e principalmente como sacerdote. Os ditos “milagres”, atos piedosos, a postura humilde sofredora e realizadora de obras que compunham a figura do missionário, foi assim perpetuada de maneira mais concreta, prevalecendo nos escritos e relatos aquelas características próprias dos que pretendem alcançar o estatuto de santo. Além disso, outros temas, podem ser revisitados ou questionados, como por exemplo o fato de que sujeitos que propositalmente, foram retirados de cena nos escritos, colocados em segundo plano, ou como “vilões” uma vez que não se incluíam no quadro

biográfico já montado⁵, de retratar um homem santo em vida, e uma figura santificada após a morte. Assim, a narrativa centraliza-se sempre no sucesso do projeto assistencial de Ibiapina, certamente pelo maior vulto que acarretou, dada a suposição do aspecto divino que sua obra passou a carregar (MADEIRA, 2008, BEZERRA, 2010).

Como resultado de todo esse percurso aliado à devoção que a comunidade local tem entorno de sua figura, atualmente há a intenção e o desejo de se beatificar e posteriormente canonizar Ibiapina. As campanhas de divulgação são recorrentes em Santa Fé, buscando propagar os feitos em vida e principalmente as graças alcançadas pelos fiéis após promessas e pedidos feitos a Ibiapina. A primeira iniciativa para tornar Ibiapina santo se deu em 1991, o que àquela altura o tornaria o primeiro santo brasileiro. No entanto, essa tentativa estagnou, sendo retomada nos anos de 1993, 1996 e 2003, ficando também estagnadas até 2011, quando o italiano Paolo Vilotta, assume o cargo de postulador do processo, sendo ele o responsável por mais de vinte e cinco casos no Brasil, entre os quais destacam-se os dos beatos Nhá Chica e Padre Vitor, além de Irmã Dulce, recentemente canonizada como Santa Dulce dos Pobres, dando novo ânimo ao caso de Ibiapina. Essa nova tentativa de tornar Ibiapina beato e posteriormente santo, teve sua fase diocesana encerrada em de maio de 2016, celebrada com missa no santuário de Santa Fé, que contou com a presença de religiosos, autoridades civis e um grande número de fiéis, além da exposição da urna com os restos mortais do missionário, as chamadas relíquias de Ibiapina (NASCIMENTO, 2017; LUCENA, 2017).

Encerrada essa fase, o processo seguiu para instâncias maiores, e atualmente os fiéis aguardam seu desenvolvimento, na esperança de um resultado positivo do Vaticano. No entanto, para os fiéis, o missionário já é considerado santo, e melhor, um santo próximo deles, que pode ser visitado, venerado, aclamado e lembrado a cada oração, pedido, visita, celebração (TEIXEIRA; FLOREN, 2019). Relatos como os dois a seguir comprovam essa visão popular de Ibiapina como um santo:

[...], mas ele já é um santo para mim, para mim para esse povo todo que tá aqui, ele já é o santo, e vai ser também para igreja né, para o Vaticano, e vai ser através desse povão aí que tá aqui pela fé nele, pela fé nas graças alcançadas através dele. Por que em vida ele tem uma obra muito grande a Jesus Eucarístico e a Maria, e principalmente ao povo, aos pobres, então após a morte ele foi exemplo e muitas graças foram alcançadas, então por isso eu acredito que não só para mim ele já é um santo, como vai ser considerado Santo pelo Vaticano né, tem que ser comprovado, mas para mim ele já é um santo. Então ele era um exemplo e por

⁵ Além de Alencar, podemos citar ainda Dom Luiz Antônio dos Santos, primeiro bispo do Ceará, que não era simpático aos sucessos missionários de Ibiapina, criando com este uma rivalidade que culminou na perda, por parte do missionário, das Casas da região cariri cearense, ficando entregues à administração de D. Luís. Cf. MADEIRA, 2008, p. 144-148.

onde ele passava ele demonstrava isso. Gente isso é muito importante [...] então é isso, ele já é santo para mim, para essa multidão aqui, e logo também ele já é santo.⁶

Padre Ibiapina para mim já é santo né, como para todo o povo aqui, mas para mim a beatificação dele seria muito importante para divulgação do lugar aqui, inclusive já existe um processo de canonização, e a gente está com muita fé, com muita fé em Deus e em Padre Ibiapina, que esse dia vai chegar e que esse dia vai ser logo, não vai demorar não, e que quando esse dia chegar, ele vai ser muito celebrado e vai ser muito merecido, porque realmente, pelo que ele fez, pelo que ele é, ele merece ser sim o santo padre Ibiapina, de fato e de direito.⁷

Dentre os entrevistados, esses tipos de relatos são quase que unânime ao se questionar sobre a santidade de Ibiapina, sendo que para a população mais humilde e desinformada da região, o fato de Ibiapina não ser de fato santo, ou seja, de não ser canonizado pelo Vaticano, causa certo estranhamento e surpresa, tendo em vista a naturalização da figura do missionário como um santo popular regional para esses fiéis.

No entanto, para se confirmar essa santidade, o caminho a ser trilhado não é simples nem fácil, mesmo o processo estando aberto e já encaminhado às instâncias superiores dos órgãos máximos da fé católica, e apesar da lentidão no caminhar do processo, o fator principal sem dúvidas é a falta de comprovação de milagres que possam validar Ibiapina como santo, ou pelo menos beato, mesmo com numerosos relatos de graças alcançadas pelos devotos, citando como exemplo a chamada Casa dos Milagres de Santa Fé, onde os fiéis depositam seus ex-votos em agradecimento às graças alcançadas, como se pode observar nas imagens abaixo:

Fotografia 1: Casa dos Milagres



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Fotografia 2: Ex-votos deixados pelos fiéis



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Na fotografia 1, à esquerda, se observa a fachada da chamada Casa dos Milagres citada acima. Já fotografia 2, à direita, são observados três tipos diferentes de ex-votos: na prateleira de cima são mostradas fotos de pessoas que atingiram algum objetivo almejado, depois de um pedido ou uma promessa, atribuindo a graça à Ibiapina, principalmente para agradecer a recuperação de uma doença, geralmente tida como grave; na prateleira do centro, aparecem

⁶ Entrevista concedida pela Irmã Ana Clara ao autor em 19 de fevereiro de 2020.

⁷ Entrevista concedida por Petrônio Ribeiro de Souza ao autor em 19 de fevereiro de 2020.

representações de pernas, braços e cabeças de madeira ou de plástico, levados pelos fieis em agradecimento a curas de enfermidades nessas partes do corpo; por fim, no canto inferior esquerdo da imagem, aparecem miniaturas de casas, pelas quais os fiéis agradecem pela obtenção da casa própria.

No entanto, toda essa devoção, todas essas graças atribuídas à Ibiapina, são desconsideradas para efeito de canonização, tendo em vista a falta de documentação contundente que prove que foram de fato milagres alcançados. Apesar disso, achamos interessante mostrar aqui um desses relatos de possíveis milagres, ou pelo menos de graça atribuídas ao missionário, como no relato a seguir de Maria Martins de Lima:

Ele fez um milagre muito grande na minha vida, porque eu tive uma criança ali dentro da capoeira, e que era para ela ter morrido, e era para ter morrido ali eu e ele, mas eu pedi, eu pedi e clamei a Deus e pedi a Padre Ibiapina, pra salvar ele, e meu filho sobreviveu e hoje ele tá aposentado, trabalhou muito [...] o nome desse meu filho é Ibiapina porque eu não poderia colocar outro nome, então eu pus Ibiapina, porque Ibiapina salvou ele, então eu considero ele como um filho de Ibiapina, então o nome dele é Ibiapina. Então eu tenho muita fé e para mim ele é um homem, um homem bom, um homem que foi bom, ele é um homem muito poderoso, tanto muito poderoso.⁸

Apesar de não ter serventia como milagre comprovado, relatos como esse mostram como são grandes a fé e a devoção da população local na santidade de Ibiapina. Ainda desse relato é possível destacar as homenagens nominais que se fazem para o missionário, batizando seus filhos de Ibiapina, tanto em homens quanto em mulheres, transformando o sobrenome “Ibiapina” em nome composto, sendo comuns na região nomes como José Ibiapina, Maria Ibiapina, entre tantos outros nomes, dados em sua homenagem, principalmente quando se alcança alguma graça ou quando o nascimento da criança se dá no dia 19 de fevereiro ou em dias próximos à data do aniversário de morte do missionário.

Por fim, seja de forma natural, seja influenciada pela adoração fanática de seus seguidores contemporâneos, ou ainda por influência dos relatos deixados pelos biógrafos, que formaram (forçaram?) uma imagem santificada de Ibiapina, fato é que, atualmente, é impossível negar a veneração que se tem à Ibiapina, tanto na região de Santa Fé e áreas vizinhas, como pela Paraíba e região Nordeste, fazendo do missionário mais uma importante santidade popular, aguardando a confirmação desse status de forma oficial, mesmo que para os seus devotos, tal confirmação não seja necessária. Para eles, Ibiapina já é Santo.

3 UMA VIDA DEDICADA À CARIDADE: AS CASAS DE CARIDADE DE IBIAPINA

⁸ Entrevista concedida por Maria Martins de Lima ao autor em 19 de fevereiro de 2020.

Durante seus mais de vinte anos de peregrinação e ação missionária, Padre Ibiapina ergueu na região Nordeste, cerca de 58 obras de uso público, entre orfanatos, igrejas, açudes, cemitérios, capelas, hospitais, cacimbas públicas, além da construção e remodelação de tantos outros empreendimentos, destacando-se, principalmente, pela construção das chamadas Casas de Caridade. Ele atuou em onze cidades do Ceará, três do Rio Grande do Norte, duas do Piauí, sete de Pernambuco e quinze da Paraíba, sempre com trabalhos voltados para a caridade e melhoria das condições de vida do povo mais necessitado, sendo sua primeira obra realizada a construção de um hospital em Pernambuco, no final da década de 1850, para acudir a população da epidemia do cólera (MADEIRA, 2008).

Suas Casas de Caridade foram, sem dúvidas, as principais obras implementadas por Ibiapina, destinando-se ao recebimento e acolhida de moças e meninas, principalmente pobres e órfãs, funcionando como centros de irradiação das ideias do missionário, que compreendiam uma educação que se manifestava através do trabalho, da moralização, do ensino das virtudes e de elementos formativos condizentes com o lugar e com a época. Eram, portanto, espaços de concretização da própria ação de caridade, uma vez que

a Casa de Caridade para Ibiapina, era a materialização da caridade, então para ele era uma coisa só [...] ele fala só a caridade de tal lugar, a caridade de Santa Fé, a caridade de Campina Grande, ele quer dizer a Casa de Caridade e não o ato de caridade, mas a Casa de Caridade, então para ele a caridade era a Casa de Caridade em si, que a era a materialização e a consolidação da caridade⁹.

As vinte e duas Casas de Caridade¹⁰ foram fundadas em quatro dos atuais estados nordestinos: no seu estado natal, o Ceará, fundou nas cidades de Sobral, Santana do Acaraú, Missão Velha, Crato, Barbalha e Milagres; em Pernambuco foram criadas em Gravatá do Juburu (Taquaritinga do Norte), Bezerros e Baixa Verde (Triunfo); no Rio Grande do Norte fundou em Acari, Santa Luzia do Mossoró e Açú. Por fim, se destaca que a grande maioria das Casas de Caridade fundadas por Ibiapina estão localizadas na Paraíba, situadas em Alagoa Nova, Areia, Santa Luzia do Sabugi, Pocinhos, Parari (Pombas), Souza, Cajazeiras, Cabaceiras, Campina Grande, e a principal, Santa Fé, que se tornou o centro irradiador de sua obra, escolhida para sua moradia e onde viveu seus últimos anos, de onde acompanhava as demais casas através de cartas enviadas para as Irmãs de Caridade¹¹ (NASCIMENTO, 2017).

⁹ Entrevista concedida por José Floren ao autor em 29 de fevereiro de 2020.

¹⁰ As primeiras Casas foram construídas no ano de 1860, em Gravatá do Jaburu (atual Taquaritinga do Norte-PE), e Santa Luzia do Mossoró (atual Mossoró-RN) e as últimas foram fundadas em 1872 em Cabaceiras e Campina Grande, na Paraíba. Cf. SILVA & NETA, S/A.

¹¹ Mulheres religiosas e devotas que abdicaram de suas vidas para se dedicar à caridade e a seguir os ensinamentos de Ibiapina, a quem consideravam seu “Pai Espiritual”. Essas mulheres regiam as casas de caridade e tinham funções hierárquicas definidas dentro dessas instituições, como oradoras, cuidadoras e por fim as Superiores, que se responsabilizavam por liderar a manter a ordem nesses lugares, seguindo sempre as instruções de Ibiapina, seja pessoalmente ou por cartas quando seu mestre se encontrava em missão. Cf. MARIZ, 1942.

As casas de caridade seguiam um modelo de educação voltado para preparar as moças para desempenhar funções próprias do lar, segundo o modelo de mulher, esposa e mãe. Para isso, as jovens recebiam, como primeira educação ensinamentos de primeiras letras, noções de cálculo e aulas de música. Já na segunda educação, aprendiam bordado, costura, culinária, cuidados da casa, enfim, uma educação doméstica geral. Por fim, na terceira educação, as meninas entravam em contato com os trabalhos manuais de ofício, como tecer pano, fiar no engenho, fazer sapatos ou qualquer outro gênero de indústria adotado pela casa, na qual se encontrassem recolhidas, além de trabalharem na horta e cuidados com os animais de propriedade da Casa. Assim, se constituíam em um espaço para a promoção da mulher nordestina, onde desenvolviam aptidões e as preparavam para a emancipação, proporcionando um ofício para o futuro, e assim um meio de sobrevivência (CARVALHO, 2003).

A organização interna também era determinada por Ibiapina, garantindo o bom funcionamento das instituições mesmo em sua ausência. Compunha-se de “Superiora, Vice Superiora, Mestra, Enfermeira, Despenseira e Cozinheira além do pessoal externo, composto por Visitadora, Regente, Capelão, Tesoureiro, Procurador, entre outros membros” (BEZERRA, 2010, p. 131). Além desse numeroso quadro administrativo, “deveriam funcionar dois conselhos consultivos, compostos por homens e mulheres, considerados decentes e prudentes, aptos a resolverem impasses relacionados as instituições, bem como sobre a moral e decência dos habitantes ali presentes” (MADEIRA, 2008, p. 189).

O estatuto¹² geral que regia as Casas

compõe-se de 6 capítulos. Os dois primeiros tratam dos fins da instituição. O terceiro trata da Superiora responsável pela casa. O quarto e o quinto tratam do papel das visitadoras (uma supervisora das superiores), o sexto trata das pensionistas além das internas órfãs, a instituição também poderia receber, para educar e disciplinar, meninas pensionistas¹³. Em seguida temos as Disposições Gerais e as Advertências à superiora para não se perturbar com as ocorrências dos primeiros dias entrando a governar a Casa de Caridade (BEZERRA, 2010, p. 134).

Esse documento regia toda a estrutura, organização e funcionamento das instituições, indo dos aspectos mais gerais até as minúcias do cotidiano. Desse modo, a formação efetuada nas Casas de Caridade se dava num ambiente de constante vigilância dos hábitos, atitudes e cumprimento das normas do estatuto (LIMA, 2009; BEZERRA, 2010).

¹² O estatuto original das Casas de Caridade composto por padre Ibiapina se encontra atualmente na cúria diocesana de Guarabira-PB, mas é possível ver cópias e transcrições completas desse documento em diversos livros que tratam desse personagem, principalmente de seus biógrafos. Cf. MARIZ, 1942 e MADEIRA, 2008.

¹³ Além das órfãs, as Casas também recebiam as chamadas pensionistas, que eram as filhas dos homens da elite regional, como fazendeiros e donos de engenho, para receber a mesma educação das órfãs, servindo como uma fonte de renda para as instituições, uma vez que a família deveria dar uma pensão de 10\$000 a 13\$000 mensais, em trimestres adiantados. Cf. MARIZ, 1942.

A decadência das casas de caridade começou pouco depois do falecimento de Ibiapina, em 1883, uma vez que as beatas se sentiram perdidas sem o seu líder, mentor, articulador e figura ímpar que atraía o maior número de investimentos nas instituições, levando as casas a fecharem as portas, algumas quase que imediatamente, outras, anos depois e uma pequena minoria ainda perduraria até a primeira metade do século XX. Explica-se esse desaparecimento por alguns fatores como o fato de Ibiapina não ter deixado um estatuto jurídico que garantisse sobrevivência das instituições após sua morte; pela falta de interesse de muitos vigários e a falta de simpatia dos bispos posteriores pela forma de vida religiosa das beatas, pois apesar do clero respeitar Ibiapina e suas colaboradoras, jamais concordou em ver à frente de suas missões, após a sua morte, as mulheres leigas da região; e principalmente pelo fato de Ibiapina concentrar as funções administrativas gerais e não ter preparado um sucessor para exercer seu trabalho, tanto no que tange à capacidade administrativa como alguém cuja imagem poderia manter os fundos de receitas que as Casas recebiam (ALMEIDA, 2014; CARVALHO, 2003).

Além disso, sem estrutura financeira para manter os estabelecimentos pastorais e sem o poder de convocatória do Padre Ibiapina para despertar novas vocações, várias irmãs abandonaram a missão e a maior parte das Casas sofreu um esvaziamento. Por fim, segundo o padre José Floren, ex-reitor do santuário, um último fator a se considerar é o fato de que, “a situação do país também influenciou nesse processo, visto que se deu a separação entre Estado e Igreja, afetando a relação econômica das demais Casas de Caridade, incluindo Santa Fé, que recebiam dinheiro do governo, havendo assim uma queda no rendimento”¹⁴, e conseqüentemente na produtividade dessas casas, outro fator que contribuiu para seu fechamento.

Enfim, dispondo de uma educação igualitária, cujas aprendizes não se destacavam pela condição social ou cor, Padre Ibiapina fundou uma ordem religiosa diversificada no interior do Nordeste oitocentista, em sua maioria composta por mulheres negras, caboclas e pardas. O mais notável em sua obra é que ela foi fundada na calamidade do analfabetismo e da superstição, lutando contra essa situação, seus esforços pela instrução e formação da mulher na camada pobre das populações foram, deste modo, incomparáveis pela época, pela extensão, pelo zelo, pela originalidade do gesto edificador. Desse modo, a educação feminina proposta pelo Padre Ibiapina funcionou como aparato para uma população assolada de medo, não visando apenas a inserção de indivíduos em ordens católicas, mas principalmente, fornecendo condições de

¹⁴ Entrevista concedida pelo padre José Floren ao autor em 29 de fevereiro de 2020.

transformar a realidade local, conseguindo obter resultados concretos em pouco tempo de atuação, sem obrigar as mulheres a optar apenas por uma vida religiosa.

4 A “MENINA DOS OLHOS” DE IBIAPINA: A CASA DE CARIDADE DE SANTA FÉ

Na primeira metade do século XIX, as terras de Santa Fé pertenciam ao Major Antônio José da Cunha, abastado senhor do engenho Poções em Areia-PB, considerado o fundador da povoação de Baraúnas das Araras, atualmente cidade de Arara-PB. Em 1858, a pedido de sua esposa, Cândida Americana Hermógenes de Miranda Cunha, o Major Antônio da Cunha doou ao sacerdote as terras de Santa Fé junto com a casa grande da fazenda, patrimônio de grande valor econômico, juntamente com outros itens e bens¹⁵ com a intenção e condição de que Ibiapina fundasse ali um Hospital de Caridade para as vítimas da epidemia de cólera que atingia a região (CARVALHO, 2015; MARIZ, 1942).

Após receber a doação, Ibiapina peregrina por Ceará e Rio Grande do Norte pregando, fundando e visitando Casas de Caridade até o regresso a essa região da Paraíba em 1866. Nesse ano, ao visitar o hospital da cidade de Areia, reencontra Dona Cândida, que lhe doara a propriedade de Santa Fé, que pede que Ibiapina efetive o objetivo principal que condicionou a doação, ou seja, de fundar um hospital de caridade, mandando preparar a casa para que lá se instalasse, acompanhando-lhe três mulheres para servir como Irmãs de Caridade, além de demais recursos necessários que se somaram aos itens da primeira doação. Desse modo, instalou-se oficialmente a Casa de Santa Fé em 1º de maio de 1866, celebrada com missa, pregação, banquete para os órfãos e a participação de outros três padres, ficando Dona Cândida Americana como primeira Superiora da Casa. Surgia assim a principal e mais famosa Casa de Caridade de Padre Ibiapina (CARVALHO, 2015; BEZERRA, 2010).

Ao fundar a Casa de Santa Fé, Ibiapina partiu em nova peregrinação pela Paraíba e outros estados do atual Nordeste, retornando a Santa Fé em 1872, quando começou a reforma que visava o aumento do prédio de caridade, antiga Casa Grande da Fazenda. Após breve viagem, retorna e dá início à construção de um açude, quando resolve fixar morada em Santa Fé, em 1873. Por essa época, deu início a construção do novo prédio da Casa de Caridade local, conhecido como Casarão, terminado em 1874. Esse novo local ganhou destaque por ser uma

¹⁵ No termo de doação consta que, além da propriedade, também seriam doadas vinte vacas paridas no valor de 800 mil réis, cinco garrotas e cinco novilhas no valor de 200 mil réis, uma casa grande de pedra e cal e outras de taipa. No acordo feito entre o casal, dona Cândida abriria mão do engenho poções, bem mais valioso da família, em favor do único filho do major, fruto do primeiro casamento, do total de três de seu esposo. Cf. MARIZ, 1942, p. 86-88.

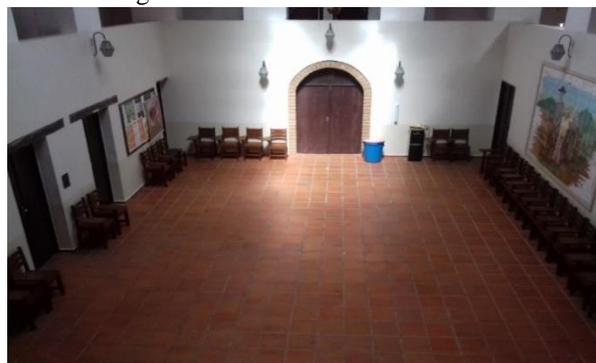
instituição modelo e moderna de educação e trabalho para seu tempo, construído em um traçado espacial diferente das outras quase em um formato quadrado, diferenciando-se também por ser construída no estilo panóptico, onde uma pessoa só inspeciona todo trabalho no ambiente, sendo também a última grande obra implementada por Ibiapina antes de adoecer. O espaço se dividia pelos diferentes trabalhos realizados, geralmente nos cômodos mais baixos, sendo o sótão usado para dormitório. Após a doação, além do Casarão, se acrescentou ao espaço, um cemitério, uma capela, uma casa de farinha, além da casa residencial do padre. (CARVALHO, 2015; LIMA, 2009; MADEIRA, 2008).

Fotografia 3: Parte Externa do Casarão



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Fotografia 4: Vista Interna do Casarão



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Nas imagens acima, é possível notar o tamanho considerável da construção implementada na segunda metade do século XIX, com poucos recursos e na base dos mutirões implementados por Ibiapina. Na imagem à esquerda (fotografia 3), se observa a parte exterior do chamado Casarão. Se dá destaque aqui à parte superior do prédio, onde se localizam os quartos, chamados por Ibiapina de cubículos, em que se instalaram os dormitórios onde as órfãs da Casa de Caridade de Santa Fé dormiam após um dia inteiro de trabalho, estudo e oração. Já na imagem à direita (fotografia 4), que mostra a parte interior do mesmo casarão, é possível notar como Ibiapina e as irmãs de caridade podiam supervisionar todo o trabalho realizado pelas órfãs a partir de um único ponto, do alto da construção, onde fica o corredor dos dormitórios ao redor de todo o formato quadricular da construção. Desse modo, observa-se que a vigilância sobre as órfãs em Santa Fé tinha a seu favor a arquitetura do local, sendo, certamente, o lugar preferido das Irmãs Superiores, por conseguirem visualizar a produção de artefatos feitos por mulheres e meninas, bem como vigia-las durante todo o dia.

A Casa de Caridade de Santa Fé detinha pequenas indústrias em número bastante elevado, se comparado aos outros estabelecimentos fundados pelo missionário, muito em razão da quantidade de pessoas lá residentes, tendo em vista que, chegaram a viver nesse local cerca de 200 pessoas. Desse modo, pode-se dizer que o missionário fez de Santa Fé uma espécie de entreposto central de seus estabelecimentos, principalmente após 1876, quando a transformou

em sua morada definitiva, passando a coordenar as demais Casas através de cartas e para onde enviavam produtos de seus trabalhos, para sua avaliação e posterior encaminhamento à venda. A fixação definitiva de Ibiapina em Santa Fé se deu após adoecer gravemente em uma viagem à Casa de Caridade de Baixa Verde, atual Triunfo-PE, ficando paratítico, retornando até Santa Fé numa viagem de que duraria três meses, carregado nos ombros dos seus seguidores, onde permaneceu até sua morte, em 19 de fevereiro de 1883 (MENEZES, 1998; MADEIRA, 2008).

Apesar da deficiência, Ibiapina pôde acompanhar de perto o desdobramento de seu projeto de formação feminina como nunca pudera antes, além de fazer experimentos quanto aos procedimentos mais convenientes para o progresso de seu estabelecimento, como tornar a instituição mais produtiva entre todas as outras, cujo rendimento ele distribuía, de acordo com as condições dos recolhimentos mais necessitados, sendo considerada a principal entre todas, uma vez que

foi modelo para as demais Casas de Caridade exemplo e seguidora das ordens de Ibiapina, de onde o missionário coordenava as demais Casas, através de suas cartas às beatas. Em momentos de dificuldade das demais Casas de Caridade, era de Santa Fé que vinham os recursos necessários para ajudá-las. Assim, Ibiapina, juntamente com as beatas e outros colaboradores iam em busca de alimentos e recursos para o socorro aos flagelados, recebendo grande doações, inclusive do Rio de Janeiro, repartindo esses recursos entre as casas de caridade, aos necessitados da redondeza e aos retirantes. Desse modo, Santa Fé ganha destaque entre todas as obras do padre, como espaço mítico sagrado pela presença de Ibiapina, local que escolheu para ser sua morada, onde passou seus últimos anos de vida, e também onde está sepultado, sendo um lugar “sagrado” não só pelas demais casas, mas também pela população da região (LIMA, 2009, p. 96).

Com a constante e permanente presença do missionário, a sensação de vigilância se traduzia muitas vezes no caráter responsável dessas jovens, bem como no melhor aprendizado e no destaque para os trabalhos lá realizados, como costura, fabricação de tecidos de algodão, peças de artesanato ou até mesmo o fabrico da farinha, uma vez que as internas encontravam na caridade ofertada em Santa Fé uma oportunidade de serem, muitas vezes, reinseridas na sociedade ou de chegarem à aquisição da leitura ou de algum ofício, funções essas potencializadas pela presença frequente de Ibiapina, uma vez que as ordens em Santa Fé não se davam mais de modo terceirizado, mas eram dadas presencialmente pelo próprio missionário (MADEIRA, 2008; CARVALHO, 2015).

Uma junção de fatores levou à queda das Casas de Caridade de Ibiapina, incluindo Santa Fé, como já vimos anteriormente. No entanto, a Casa de Santa Fé ainda perdurou algumas décadas, muito pela permanência das Irmãs de caridade. Tem-se notícia que a Casa de Santa Fé permaneceu funcionando até pelo menos a década de 1940 e anos iniciais da década de 1950. Após um período de abandono quase que completo, as terras são arrendadas pelo neto do Major

Cunha, Marísio Moreno¹⁶, importante figura política para a cidade, que não reconhecia a doação feita à Ibiapina e administrava as terras como posseiro. Essa situação se manteve até fins da década de 1960 e início da de 1970, com a chegada dos religiosos holandeses chamados de Cônegos Regulares Lateranenses¹⁷, que foram de extrema importância no processo de retomada e manutenção de Santa Fé e da memória de Ibiapina, uma vez que conseguem reunir a documentação necessária para comprovar a posse por parte da igreja, que passa a administrar o local (COMBLIN, 2009; NASCIMENTO, 2018).

Além disso, outras alterações foram feitas a partir de 1983, ano do centenário de morte do missionário, com ações feitas pela recém fundada Diocese de Guarabira, que impediram que atividades que não tivessem cunho religioso fossem realizadas em Santa Fé, transformando Ibiapina em um ícone religioso local, passando a buscar cada vez mais a divulgação da imagem do padre, onde os populosos e a igreja edificam anualmente um movimento de celebração e fé. Em 1995, através de doações e pelo apoio de instituições estrangeiras, promoveu-se uma grande reforma no local, com o objetivo de revigora-lo e atrair cada vez mais visitantes, valorizando-o cada vez mais (MENEZES, 1998; NASCIMENTO, 2018).

Por fim, a verdadeira valorização de Santa Fé veio a partir do ano de ano de 2000, quando o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP), através do processo 0060/2000, deliberou pelo tombamento de todo o conjunto arquitetônico e áreas adjacentes de Santa Fé. Assim, Santa Fé que era a menina dos olhos de Ibiapina em vida, após sua morte se torna local de maior destaque também em sua veneração, sendo das instituições fundadas pelo missionário o local em que mais se destaca atualmente e ainda o que mais se propaga a memória do padre, funcionando como um memorial e um santuário.

5 A “CARIDADE” SE TORNA SANTUÁRIO: O PROCESSO DE TOMBAMENTO DE SANTA FÉ

Atualmente, o local não funciona mais como Casa de Caridade, não instrui moças desamparadas, não acomoda crianças órfãs ou abandonadas. Hoje está tombado pelo Instituto

¹⁶ Descendente do fundador da cidade de Arara e importante figura política, sendo primeiro prefeito constitucional eleito na cidade, em 1963. Mesmo tendo sido eleito apenas uma vez, ele sempre teve grande importância na política na região, tendo seu apoio na eleição influenciado diversos certames, uma vez que pertencia e era líder da família mais rica e poderosa da região nessa época. Cf. NASCIMENTO, 2018.

¹⁷ A Ordem dos Cônegos Regulares Lateranenses se caracteriza pelo seu caráter missionário e assistencialista ligado às classes menos favorecidas, principalmente vivência em comunidade, trabalho pastoral, educação de crianças etc. Sua atuação se espalha por países da África Central, Europa e América Latina. Na Paraíba, atuaram os cônegos da Província franco-belga-batava, dos quais se destacam os religiosos designados para Arara e Santa Fé, Lambert de Groot e Leonard Vissers, que exerceram um importante trabalho no cuidado com a saúde e a educação da população local a partir de suas chegadas no ano de 1968, bem como um destaque no processo de retomada das terras de Santa Fé, que após a morte de Ibiapina passou por um processo de abandono. Cf. COMBLIN, 2009; NASCIMENTO, 2018.

do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP), preservando a história que marcou sua época, no século XIX, sendo restaurada mas, mantendo-se todos os traços originais, uma vez que, apesar das mudanças, Santa Fé ainda preserva antigas construções, que dividem espaço com novos prédios e instalações, como uma creche, um museu um auditório e um anfiteatro. O patrimônio de Santa Fé, além do seu valor histórico e arquitetônico, engloba também histórias de luta em favor dos menos favorecidos, de fé e caridade, além da bandeira de lutas de Ibiapina e de seus colaboradores, preservando também a memória do missionário nesse espaço.

O processo 0060/2000 do IPHAEP teve como órgão interessado o Governo do Estado da Paraíba, sob a coordenação da Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento do Estado (SUPLAN), que aguardava o desenrolar do processo e a consequente confirmação do tombamento para iniciar as obras de restauração, ampliação e urbanização do espaço do Santuário. Após diversas visitas e vistorias feitas no local, o processo correu dentro de uma considerável rapidez, dado o padrão da burocracia vigente no Brasil.

Prova da rapidez do processo é que o pedido para o tombamento do Santuário de Santa Fé se deu em 17 de abril de 2000, com o ofício do superintendente da SUPLAN ao Diretor executivo do IPHAEP, Itapuan Boto Targino, com os seguintes dizeres:

Senhor diretor:

Em cumprimento a determinação do Senhor Governador do Estado da Paraíba, solicitamos de Vossa Senhoria as providências necessárias com vistas ao tombamento do Santuário de Santa Fé, no município de Arara, neste Estado.

Atenciosamente [...] ¹⁸

Após a solicitação, as visitas e vistorias foram feitas entre maio e junho do mesmo ano, quando foram observados o estado de conservação das construções e fotografadas essas instalações para dar prosseguimento ao processo. Desses olhares iniciais, tem-se o primeiro laudo técnico, datado de 09 de maio de 2000, em que se constatou

1º Complexo do Santuário Santa Fé no município de Arara-PB¹⁹, encontra-se preservado de quase toda a sua totalidade, apresentando-se com excelente estado de conservação;

2º As intervenções que ocorreram durante os anos descaracterizaram algumas edificações sendo, no entanto, passíveis de serem reconstruídas, em qualquer processo de restauração;

3º O conjunto arquitetônico teve obras iniciadas no século passado, aproximadamente no ano de 1856, segundo dados e informações existentes no local;

4º As atividades culturais e religiosas que ali ocorrem são de relevante importância para a comunidade local e regiões adjacentes, atraindo romeiros de vários estados vizinhos nas datas

¹⁸OF/GS/Nº 403/2000 do Governo do Estado da Paraíba, Secretaria de Infraestrutura, Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento do Estado, encaminhado ao diretor do IPHAEP Itapuan Boto Targino.

¹⁹ Toda a documentação encontrada se refere ao Santuário de Santa Fé como sendo pertencente a Arara-PB, provavelmente pela proximidade física entre esses espaços, tendo em vista que a cidade citada e o distrito de Santa Fé, onde se encontra o Santuário, quase que em conurbação, mas o supracitado distrito pertence à cidade de Solânea-PB, vizinha a Arara.

19 de cada mês, e em especial no dia 19 de fevereiro, data em que se comemora a morte do padre Ibiapina (fundador daquele Santuário)
 [...]Se faz importante, a partir desta data reunir todos os dados e elementos necessários para a instrução do processo de tombamento daquele conjunto arquitetônico, que sem dúvida, reúne valores arquitetônicos, históricos e culturais, que justificam o seu tombamento.²⁰

Nessas primeiras visitas, já se observaram razões suficientes não só para dar início ao processo, como também para o conseqüente tombamento, acarretando nas medidas cabíveis à restauração e reforma do local, desejadas pela parceria entre o governo estadual e a diocese. No caminhar do processo surgem cada vez mais motivos para o tombamento imediato de Santa Fé, dado também pelo interesse da SUPLAN em reformar e urbanizar o local.

Outros documentos do IPHAEP dão conta da importância e do valor histórico não só do local em si, mas também da figura de Ibiapina, tanto para a população da época em que viveu como para as milhares de fiéis que o lugar recebe mensalmente e anualmente, como diz partes do documento abaixo

O Santuário de Santa Fé, situado no atual município de Arara, no Estado da Paraíba, insere-se com as demais edificações: Igreja, Cemitério, Casa dos Milagres e a Casa onde residiu o missionário, apóstolo do Nordeste, num Complexo Histórico Arquitetônico da obra missionária do Reverendo Dr. José Antônio de Maria Ibiapina, iniciada possivelmente a partir de 1860, na segunda metade do século XIX. Na Paraíba estas missões de caridade acompanhadas da evangelização e instrução, ocorreram precisamente no ano de 1862, quando irrompeu o segundo surto de cóleras-morbo, nesta antiga Província [...] O padre José Antonio Maria Ibiapina - representa uma das maiores figuras apostolares do Brasil, sobretudo para o Nordeste, considerando-se seu ideal de trabalho e de fé cristã. Orientando suas ações apostólicas através da religião e da educação, procurou redimir o sertanejo da superstição, da ignorância e da miséria. Tudo isso associado a uma obra de assistência missionária - que se concretiza através das inúmeras e diversificadas obras materiais que modificou sempre objetivando a melhoria educacional, social e da qualidade de vida dos mais necessitados.²¹

Nesse documento, fica clara a importância de Ibiapina para Santa Fé, tendo sua presença e ações realizadas no local, grande influência na argumentação que objetivava o tombamento do conjunto. Nesse mesmo documento, diz-se que a área deve ser tombada, para sua preservação, uma vez que “dentre as inúmeras Casas de Caridade - (assim chamadas pelo povo) construídas pelo Padre Ibiapina, destaca-se a de Santa Fé, erguida em terras da região do Arara”, mostrando a importância de local na argumentação do processo de tombamento.

O processo culminou em agosto do ano de 2000, após nova vistoria feita nesse mesmo mês, cujo o relatório final consta que

A Coordenadoria de Assuntos Históricos, Artísticos e Culturais, reconhecendo seu valor histórico em substancial levantamento, informa que "o santuário é composto de Igreja, Cemitério, Casa dos Milagres e a casa onde residiu o missionário compõe Complexo

²⁰ Laudo técnico encaminhado da coordenação de Arquitetura para a Diretoria Executiva do IPHAEP, para fins de tombamento de Santa Fé.

²¹ Fragmento do histórico preliminar levantado pelo IPHAEP em vistas do tombamento de Santa Fé, datado de 05 de junho de 2000.

Histórico - Arquitetônico da obra missionária do Reverendo Jose Antonio de Maria Ibiapina, iniciada possivelmente a partir de 1860, segunda metade do século XIX [...] Em vistoria realizada no dia quatro do mês de agosto de dois mil [...] pude constatar o seguinte: O excelente estado de conservação das construções do Santuário; algumas edificações sofreram alterações que são passíveis de recuperação. As atividades culturais e religiosas que ali acontecem são de relevante importância para a comunidade local e regiões adjacentes. As construções: Capela, Cemitério, Túmulo, Casa Paroquial, Casa do Padre, Casa dos Milagres, Convento (ou casa de caridade) são bens imóveis de inestimável valor que necessitam de uma proteção na forma da legislação – TOMBAMENTO - garantindo assim sua preservação rigorosa [...] Impressionou-me o atual estado de conservação do complexo, visto que, mesmo sem registros originais das construções, as mesmas foram recentemente recuperadas sem estudo técnicos de restauração e preservam características rústicas próprias das edificações daquela região e período histórico.²²

Além do valor histórico, arquitetônico e religioso do Santuário, esse mesmo relatório, datado de 22 de agosto de 2000, deixa a entender que a intenção do Governo do Estado em restaurar e urbanizar o local foi elemento impulsionador do processo de tombamento, como é mostrado abaixo, juntamente com a conclusão:

Informações da SUPLAN dão conta de que o Governo do Estado tão logo seja aprovado pelo CONPEC do IPHAEP o respectivo tombamento, executará o projeto de urbanização do Santuário [...] O projeto de urbanização para o Santuário engloba uma área de aproximadamente 4.34 hectares; tomando-se por referência a Rodovia Estadual 105 que liga a cidades de Arara a Solânea.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, considerando o inestimável valor histórico, cultural e religioso do que ali existe, faz-se urgente e necessário o completo tombamento da área e os imóveis anteriormente citados a fim de possibilitar a plena execução do projeto apresentado pela SUPLAN.²³

Terminados os tramites legais necessários, o processo de tombamento do Santuário de Santa Fé foi aprovado um dia depois de encaminhado o relatório acima citado, cuja deliberação é mostrada na integra abaixo:

CONSELHO DE PROTEÇÃO DOS BENS HISTÓRICOS CULTURAIS-CONPEC DELIBERAÇÃO – Nº 0093/2000

INTERESSADO: GOVERNO DO ESTADO DA PARAIBA - SUPLAN

LOCALIZAÇÃO: SANTUÁRIO DE SANTA FE - ARARA PB.

PROCESSO Nº: 0060/2000-IPHAEP

ASSUNTO: TOMBAMENTO

Atendendo ao processo em que solicita informações sobre o imóvel em questão, o Conselho de Proteção dos Bens Históricos Culturais- CONPEC, órgão de deliberação superior deste Instituto, em sua Sessão do dia 23/08/2000, com o comparecimento dos seguintes conselheiros: Paula Frassinete Lins Duarte, Umbelino José Peregrino Araújo de Albuquerque, Rosa Maria Godoy Silveira, Humberto Cavalcante de Mello, Maria Betânia Matos de Carvalho, Expedito de Arruda Pires de Freitas, José Farias de Sousa Filho, sob a presidência do Professor Itapuan Bôtto Targino, Diretor Executivo do IPHAEP.

²² Relatório (histórico) final da Coordenadoria de Arquitetura e Ecologia da IPHAEP sobre o processo Nº 0060/2000 de assunto que conta o Tombamento só Santuário de Santa Fé

²³ Ibidem.

DELIBEROU:

Aprovar, por unanimidade, o TOMBAMENTO do Santuário de Santa Fé, no Município de Arara/PB.²⁴

Após a aprovação do tombamento do Santuário de Santa Fé, firmada pelo decreto Nº 21.288, publicado em 12 de setembro do mesmo ano, o Governo do Estado da Paraíba, através da SUPLAN, pôde dar início ao projeto de construção/urbanização do Santuário de Santa Fé, com projeto inicial que, além da urbanização, visava a construção de altar, sacristia, pórtico de entrada, quiosques, arquibancadas e fonte. Esse projeto estimava uma área de construção de aproximadamente 6.175,22 m², com custo estabelecido R\$ 137,65 por metro quadrado, totalizando um custo geral de R\$ 850.019,04²⁵. Foi aprovado e encaminhado em 05 de setembro de 2000, tendo a maior parte das obras concluídas entre 2002 e 2004, mas com a inauguração oficial ocorrendo apenas em celebração realizada no Santuário em 05 de agosto de 2006, como parte das comemorações do bicentenário de Ibiapina. O recinto das celebrações, o chamado anfiteatro, mede 386,48 m² e tem capacidade para cinco mil pessoas sentadas; a praça de alimentação ocupa uma área equivalente a 509 m, o estacionamento com capacidade para 100 veículos e 5.000 pessoas. A área de apoio aos romeiros possui duas praças cobertas: uma abrigando sanitários públicos, com fraldário, comércio de souvenirs, central de informação e administração além de um local destinado a palestras, exposições e amostras de vídeo; a outra praça destina-se à alimentação (ALMEIDA, 2014).

Santa Fé, mais precisamente a área tombada do Santuário conta hoje com a residência (onde funcionou a primeira casa de caridade do local), o casarão (última obra feita por Ibiapina antes de adoecer), casa de Padre Ibiapina, Casa dos Milagres, cemitério, capela e túmulo de Ibiapina, que dividem espaço com um museu, um centro de documentação, um auditório, um anfiteatro a céu aberto e uma creche, dos quais vamos mostrar alguns a seguir:

Fotografia 5: Residência de Padre Ibiapina



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Fotografia 6: Capela de Santa Fé



Fonte: Acervo pessoal do autor

²⁴ Deliberação Nº 0093/2000 do CONCEP do IPHAEP do processo 0060/2000 sobre o tombamento do Santuário de Santa Fé, em que consta a aprovação do pedido.

²⁵ Estimativa de custo do projeto de intervenção da construção do Santuário de Santa Fé (Pe. Ibiapina), pelo Governo do Estado da Paraíba através da SUPLAN.

Nas imagens acima, se observa à esquerda (fotografia 5) a casa onde Ibiapina morou desde 1873, e passou seus últimos anos de vida, desde que adoeceu em 1876, sendo um dos lugares de maior devoção e visitação de todo o santuário. Já na fotografia 6, à direita, se vê a capela em seu formato atual, em que o seu braço direito, construído pelo próprio Ibiapina, foi a primeira capela do lugar. É nessa parte que os fiéis tem a preferência de estar durante as celebrações, sendo onde Ibiapina celebrou missas diárias durante toda a sua estadia em Santa Fé, mesmo após ser acometido pela paralisia. Atualmente, são celebradas nessa capela missas diárias ao alvorecer do dia, e ainda as tradicionais missas dominicais e toda quarta feira, além de outras celebrações pontuais, como abertura e encerramento de congressos e seminários, sendo um espaço de memória do religioso, bem como de celebração de sua vida e obra.

Além disso, um dos locais que mais alavancou o crescimento da peregrinação após o tombamento do lugar e as reformas implementadas nesse espaço, fazendo com que os fiéis se acomodassem melhor no lugar, foi sem dúvidas o anfiteatro, mostrado abaixo.

Fotografia 7: Fiéis em celebração no anfiteatro



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Fotografia 8: Fiéis em celebração no anfiteatro



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Na fotografia 7 (à esquerda) mostra-se uma visão ampla do anfiteatro, onde é possível observar o aglomerado de fiéis que se concentram nesse local anualmente, a cada dia 19 de fevereiro, peregrinos e romeiros, de outras cidades ou mesmo de Arara, Solânea e região, para celebrar e enaltecer a figura e a memória de Ibiapina. Já na imagem à direita (fotografia 8) observa-se o mesmo lugar mas sob um ponto de vista diferente, por trás do pórtico de entrada do anfiteatro, (visto ao fundo na fotografia 7), onde se nota também, ao fundo, o palco de celebrações, que no “dia de padre Ibiapina” recebe religiosos de todo o Nordeste além de lideranças políticas da região. O anfiteatro, bem como todas as demais construções implementadas após a patrimonialização do lugar, tiveram papel importante na notabilidade tanto para Santa Fé como para Ibiapina, mas com destaque especial para este, uma vez que só após sua construção se pôde atrair cada vez mais fiéis, bem como proporcionar-lhes um maior conforto, e assim fazer uma divulgação mais adequada de Ibiapina, principalmente através de projetos de turismo religioso.

Hoje, todo esse conjunto é parte integrante do Santuário/Memorial Padre Ibiapina, em Santa Fé, e recebe milhares de visitantes que engrossam o turismo religioso, fortalecido principalmente pelo projeto “Nos Passos de Ibiapina” da Diocese de Guarabira em parceria com o Governo do estado da Paraíba, com o SEBRAE, e com a organização da sociedade civil de interesse público PARA’IWA, desenvolvido a partir de 2003. Esse projeto monta um roteiro turístico que engloba treze municípios do Brejo e Curimataú paraibano, passando por pontos turísticos e religiosos da região (DANTAS, 2014; LIMA, 2009).

As peregrinações mensais se dão a cada dia 19, sendo que o maior fluxo, como já dito, se dá no aniversário de morte de Ibiapina, em fevereiro, chegando a atrair entre quinze e vinte mil pessoas durante todo o dia, dentre os quais aparecem fiéis do local e visitantes, trazendo grande diversidade de grupos que têm em comum a devoção e a vontade de conhecer o ambiente e a história de Ibiapina, tornando-se a uma das maiores romarias do Nordeste. Santa Fé recebe diversas pessoas em busca de curas, agradecimentos ou apenas para conhecer a história de Ibiapina, fazendo a fama do missionário se espalhar, e como consequência, alavancar o turismo religioso, promovendo atividades geradoras de renda para os habitantes locais, beneficiando assim todo o comércio local, ajudando assim a preservar e propagar sua memória.

6 SANTA FÉ E IBIAPINA: UM LUGAR, UM PERSONAGEM, E A MEMÓRIA QUE OS UNE

Como dito anteriormente, Santa Fé permaneceu ainda com a função de Casa de Caridade por algumas décadas após a morte de Ibiapina, entrando em declínio definitivo antes da metade do século XX. Nesse tempo a memória de Ibiapina nunca desapareceu, mas ficou deveras enfraquecida, muito devido ao abandono pelo qual o local passou, desde a morte da última beata até a chegada dos cônegos lateranenses, sendo retomada com mais força apenas com as novas políticas adotadas para Santa Fé a partir de 1983. Sobre esse ponto, o padre José Floren relata:

Independente do dia 19 de fevereiro, se a gente for analisar dados bem frios assim, então 30 ou 40 anos atrás, se for pegar, por exemplo, 40 anos atrás, nenhum Padre da Paraíba aqui se lembrou de padre, se lembrou de Padre Ibiapina, nenhum Padre aqui, nenhum seminário da arquidiocese aqui, que não era nem diocese, ainda era arquidiocese, padre Ibiapina nenhum Padre, ninguém ia nem fazer a ligação aqui com Santa Fé, porque quem manteve viva, assim, a memória de Ibiapina, foi o povo daqui, ainda hoje é mais assim, o povo mantém viva, e é assim é na Paraíba toda, ninguém lembrava [...] então hoje boa parte desses estados, assim falando do clero né, boa parte desses estados de Paraíba, Rio Grande do Norte, e boa parte de Pernambuco, como também no Ceará também, todo esse povo sabe quem é Padre Ibiapina, sabe situar quem é Padre Ibiapina e sabe a importância de Santa Fé na história de Ibiapina. Então houve um aumento da fama, da divulgação de Padre Ibiapina e também de Santa Fé,

você vê dentro desses últimos 30 e 40 anos, com divulgação de folhetos, de fotografias e histórias, de orações de referências.²⁶

A partir da época citada pelo entrevistado, o local passa a ter uma conjuntura de viés apenas religioso, voltando-se com mais força para a figura de Ibiapina, com crescentes celebrações ao padre. Nesse ponto, a questão da memória é ativada e reafirmada uma vez que a comemoração dos santos, ou figuras popularmente santificadas pela fé popular, como no caso do Padre Ibiapina, se dá geralmente no dia de seu martírio ou da sua morte, tendo em vista que a associação entre morte e memória tem uma enorme difusão nas sociedades cristãs desde tempos remotos até a atualidade, desenvolvendo-se a partir do culto pagão dos antepassados mortos, permanecendo ainda no catolicismo atual o costume das orações pelos mortos (LE GOFF, 1990).

No entanto, a pergunta que se deve fazer, no que tange a associação entre os monumentos em Santa Fé listados e mostrados ao longo desse trabalho e a memória de Ibiapina é a seguinte: como esses monumentos que compõem o santuário/memorial Padre Ibiapina em Santa Fé, separados ou em conjunto, podem significar um local de memória do missionário? Para responder a isso, faz-se necessário primeiramente pontuar de que forma percebemos e pensamos o conceito de memória na feitura desse trabalho. Seguindo os pensamentos de Halbwachs (1990) e de Pollack (1989 e 1992), a memória é tratada aqui “como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes” (POLLACK, 1992, p. 201).

Desse modo, memória de Ibiapina em Santa Fé é coletiva, e se dá na coletividade daquele conjunto social que suscita memórias de um tempo em que não viveram, de modo que

o indivíduo está inserido na sociedade na qual possui um ou mais grupo de referência, a memória é então sempre construída em grupo, sendo que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, onde o trabalho do sujeito no processo de rememoração não é descartado, visto que as lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós (HALBWACHS, 1990, p. 30).

Dessa forma, pode-se dizer que a memória é um fenômeno construído socialmente pelos indivíduos, podendo até ser, em certa maneira, uma memória herdada, numa trama estreita entre a memória e o sentimento de identidade de grupo. Assim, monumentos materiais funcionam para a memória coletiva, não como um conjunto do que existiu no passado, mas uma escolha feita no presente, na intenção de eternizar a frequente rememoração de um fato ou de um

²⁶ Entrevista concedida pelo padre José Floren ao autor em 29 de fevereiro de 2020.

personagem, no caso aqui, Ibiapina, seja de forma oficializada pelo Estado ou outras instituições governamentais, seja pelo simples costume do povo, que cria e preserva espaços de memória. No caso de Santa Fé, tem-se tanto esse aporte governamental como o quesito devocional da população, que preservam esse local como lugar de memória (HALBWACHS, 1990; LE GOFF, 1990).

Halbwachs (1990) afirma que um indivíduo isolado de um grupo social é incapaz de construir qualquer tipo de experiência, bem como também não registra nem mantém registrada nenhuma lembrança sobre o passado, tendo em vista que todo o contexto em que está inserido, contribui em algum nível para que se reconstrua as impressões de um dado momento do passado, seja ele presencialmente vivido, ou herdado socialmente. Desse modo, a lembrança é tida como uma espécie de reconstrução do passado através do auxílio de dados colhidos no presente. Dessa forma, pode-se considerar que o tombamento de Santa Fé, juntamente com iniciativas que incrementam o turismo religioso no local nos dias de hoje, visam valorizar, preservar e até propagar a memória de Ibiapina, mesmo este pertencendo a um contexto social e temporal diverso ao dos responsáveis por preservar e propagar essa memória. Entre os diferentes pontos de referência que estruturam nossa memória e da coletividade a qual estamos socialmente inseridos, Pollack (1989) cita os monumentos, o patrimônio arquitetônico juntamente com seu estilo, as paisagens, as datas, as tradições e costumes, o folclore e a música e, principalmente no caso desse trabalho, os personagens históricos e sua importância para os lugares e comunidades em que atuaram, dos quais somos incessantemente lembrados.

Nesse ponto, podemos citar os diversos monumentos contidos em Santa Fé que remontam à época de Ibiapina, mas principalmente a capela construída pelo missionário, e o túmulo onde repousam seus restos mortais, além da sua casa onde passou os últimos dias e morreu, notadamente os locais mais amplamente visitados pelos romeiros e fieis. Assim, as opiniões dos fiéis e peregrinos, quase que unanimemente, vão nessa direção, no que tange aos lugares de maior destaque do santuário para sua fé. Petrônio Ribeiro de Souza afirma que

Em Santa Fé, é muito importante para todos nós da região e para todos que vem visitar, porque o ambiente, como você pode ver aqui, é de grande importância, mas para mim é um lugar onde chama muita atenção, é justamente o lugar onde ele está sepultado né, então para mim o túmulo, a capela do túmulo onde ele está sepultado, é o lugar onde a gente sente realmente a presença dele né, é lá que ele realmente entra em nossas vidas e vai dar fé que a gente tem que está representado ali, naquele lugar, no túmulo dele no lugar onde ele tá descansando né. Então, o lugar ali onde ele está sepultado é o lugar que mais me chama atenção, para mim é o mais importante que tem aqui.²⁷

²⁷ Entrevista concedida por Petrônio Ribeiro de Souza ao autor em 19 de fevereiro de 2020

Enquanto isso, para André Rodrigues:

Lugares aqui que pra mim são mais importantes, primeiro a Capela né, onde você lembra de tudo, em que são celebradas as missas, e onde tem a capela que ele mesmo construiu né, e depois, o segundo lugar para mim também, que pode ser também o primeiro, mas são os dois lugares pra mim, é a casa de Padre Ibiapina, a casa onde ele viveu, a casa onde ele morou e morreu, que tem a história de Ibiapina.²⁸

Além do obvio patrimônio arquitetônico, destaco ainda nesse interim a questão das datas como meio que resguarda e propaga a memória. Nesse ponto, em Santa Fé, a figura de Ibiapina, bem como sua obra em vida e seus “milagres” (de acordo com a crença dos fiéis e peregrinos) são rememorados mensalmente, todo dia 19 durante todo o ano, com celebrações, peregrinações, pagamento de promessas entre outros eventos que valorizam e rememoram o missionário tido como santo popular. No entanto, é no seu aniversário de morte, em 19 de fevereiro, que ocorre com maior fervor esse apelo pela memória do Padre, quando ocorrem grandes peregrinações, além de romarias e excursões para o santuário, quando o lugar chega a receber mais de vinte mil pessoas, advindas da região, cidades vizinhas e de todo país, além de visitantes de outras localidades do mundo (ALMEIDA, 2014; BEZERRA, 2010).

Seguindo a perspectiva abordada no trabalho de Pollack (1992), encontra-se no caso de Santa Fé e do próprio Ibiapina todos os elementos basilares da constituição e afirmação da memória em determinados local e grupo de pessoas. Segundo o autor, a memória coletiva é constituída e marcada por acontecimentos, personagens e lugares, que de maneira concomitante ou separadamente, constituem os marcos de memória socialmente e coletivamente afirmados. O que destaca o caso aqui analisado, a nosso ver, é o fato de Santa Fé possuir os três elementos constituintes e fixadores de memória, como veremos a seguir.

Vejamos primeiramente os acontecimentos, em que o autor distingue

Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer [...] É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada, podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação (POLLACK, 1992, p. 201).

Nesse ponto, trazendo para o fato aqui estudado, pode-se ter duas versões de acontecimentos marcantes ocorridos em Santa Fé, que engrandecem o lugar. Primeiramente, citamos o fato de a Casa de Caridade de Santa Fé ser tida como a principal entre todas as demais

²⁸ Entrevista concedida por André Rodrigues ao autor em 19 de fevereiro de 2020.

vinte e uma instituições fundadas por Ibiapina, num momento historicamente precário para a região, de onde o Padre regia e organizava as demais e também pelo fato de ser a mais próspera, responsável inclusive pelo auxílio financeiro e de mantimentos quando outras instituições passavam por momentos de necessidade. A segunda versão de acontecimentos, e principal a nosso ver, é o fato de Ibiapina ter escolhido Santa Fé como seu lugar de morada, mesmo antes de adoecer, tornando o local especial entre as demais. Além disso, foi em Santa Fé que o missionário passou seus últimos dias de vida, onde morreu e onde está sepultado. Esses acontecimentos tornam o atual santuário um lugar de permanente memória de Ibiapina, cabendo citar que a comunidade social que o rememora nos dias de hoje é diversa da qual o padre viveu, ou seja, não foram vivenciados presencialmente por essas pessoas, mas sim herdados.

Em seguida, analisemos o que Pollack diz acerca dos personagens:

Além desses acontecimentos, a memória é constituída por pessoas, personagens. Aqui também podemos aplicar o mesmo esquema, falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens frequentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa (POLLACK, 1992, p. 202).

Apesar de ser até certo ponto óbvio, é importante também ressaltar o valor do personagem aqui estudado, a figura do Padre Ibiapina, que foi para o Nordeste e Paraíba da segunda metade do século XIX, um respiro de esperança e fé de dias melhores e de proteção terrena e até mesmo divina. Além da importância na obra de caridade, Ibiapina também auxiliou no desenvolvimento de povoações que viriam a se tornar cidades ao longo do interior da Paraíba, a exemplo de Soledade, Serraria, Pilões e Arara, fortalecendo assim o desenvolvimento regional da época, tamanho era o fervor ocorrido enquanto estava em determinada localidade. Ressalta-se ainda sobre esse ponto o fato de que, mesmo que seja amplamente divulgado e valorizado na região em que o santuário se localiza, Ibiapina continua sendo de um tempo e de uma sociedade diferente da atual, ou seja, os atuais detentores e propagadores da memória do padre, não conviveram diretamente com ele, nem mesmo tiveram contato com testemunhas primárias e oculares dos feitos do missionário, restando basear suas memórias em relatos, escritos e nos monumentos de memória existentes no santuário, como veremos a seguir, e por que não, na fé que carregam na figura do chamado “servo de Deus” (LUCENA, 2017).

Por fim, segue o que o autor observa acerca dos lugares de memória:

Além dos acontecimentos e das personagens, podemos finalmente arrolar os lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Os monumentos aos mortos, por exemplo, podem servir de base a uma relembração de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela [...] Locais muito longínquos, fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa, podem constituir lugar importante

para a memória do grupo, e por conseguinte da própria pessoa, seja por tabela, seja por pertencimento a esse grupo (POLLACK, 1992, p. 202).

Nesse ponto, pode-se fazer uma relação entre memória e espaço, uma vez que um grupo social se encontra inserido em um espaço e inicia um processo que finda por moldá-lo à sua imagem, isto é, às suas concepções, valores, ao passo que também se adapta a materialidade do lugar que resiste a sua influência. Dessa maneira, cada aspecto e detalhe desse lugar tem um sentido que só é significável para os membros do grupo, por que todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida em sua comunidade. Ocorre em Santa Fé esse processo, em que a sociedade atual molda o espaço para abarcar os interesses próprios, diversos aos da época de Ibiapina, sem, no entanto, diminuir o valor da figura do padre, pelo contrário, valorizando sua imagem e sua memória às últimas consequências (HALBWACHS, 1990).

Seguindo esse pensamento, Santa Fé, funciona como um lugar de memória, desde antes do tombamento acima citado, mas a patrimonialização deu mais ênfase e credibilidade a essa função memorialística do lugar. No que tange os “monumentos aos mortos” referido por Pollack (1992), tem-se em Santa Fé, como já referido anteriormente, o túmulo do missionário, símbolo máximo de respeito, homenagem, contemplação e memória de Ibiapina, onde se tem o maior interesse e aglomerações de peregrinos nas visitas, quando fazem longas filas para passar e ver o local de descanso derradeiro do missionário.

Fotografia 9: Capela do Túmulo de Ibiapina



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Fotografia 10: Sepulcro de Ibiapina



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Na imagem da esquerda (fotografia 9), mostra-se a parte externa da capelinha que ornamenta o túmulo de Ibiapina com fiéis visitando o local, onde fazem orações e se sentem na presença do próprio missionário, ou pelo menos da representação de sua presença. Já na fotografia 10, à direita, aparece o interior da capelinha, mostrando o altar montado sobre o sepulcro de Ibiapina, onde sob a lápide se lê “*Servo de Deus/José Antônio de Maria Ibiapina/Sacerdote Diocesano*”, demonstrando o apreço que a diocese passou a ter pela figura

do missionário e pelo que sua propagação poderia atrair para o lugar, principalmente na tentativa de beatificar e canonizar Ibiapina. Dito isso, é importante colocar que esse é o local do santuário mais amplamente visitado pelos fiéis e romeiros, buscando estarem próximos ao local de descanso do chamado “servo de Deus”.

No entanto, a nosso ver, os monumentos de memória aos mortos não se restringem ao túmulo, uma vez que toda a estrutura do santuário converge para a memória do Padre Ibiapina. Nesse sentido, o casarão, a casa dos milagres, a capela, a casa do Padre, entre outros, têm sim essa função de monumentalizar a sua memória, mesmo tendo-se em vista que datam da época de Ibiapina ou por ele construídos, não sendo elaboradas para este fim, de monumentalizar os mortos, mas foram ressignificadas e atualmente exercem essa finalidade. Ainda citamos a creche, o auditório, o centro de documentação e o museu, além do anfiteatro, esses sim construídos após a morte do missionário, essencialmente após o processo de tombamento do lugar, muitos levando seu nome na fachada e guardando a função de homenagear, fixar e propagar sua memória. Importante ressaltar aqui, que assim como os acontecimentos e personagens, o lugar de Ibiapina não é o mesmo lugar, com a mesma função, do que os que rememoram-no, mas com uma particularidade: a função de memória do lugar só passou a ser mais fortemente trabalhada de forma recente, principalmente após a criação da diocese de Guarabira e do processo de tombamento, aliados à devoção popular, fazendo com que a memória esteja e seja vivida na contemporaneidade.

Por fim, queremos deixar aqui um relato colhido em entrevista, que retrata resumidamente o que nosso percurso na pesquisa veio mostrar:

Santa Fé é a memória de Ibiapina, Santa Fé tem a casa de Ibiapina, tem o lugar onde ele viveu, onde ele morreu, então Santa Fé tem a história de Ibiapina. É por isso que tem a memória de Santa Fé, é enfim, para mim, é o lugar da memória de Ibiapina. Então, sendo lugar de história dele, sendo lugar de memória, então todo esse lugar para mim né, tem testemunho para dar, tem história para contar de Santa Fé, de Santa Fé e de Ibiapina.²⁹

Assim, concordando com o entrevistado, Santa Fé é um lugar onde se sente e se vive a memória de Ibiapina em todos os lugares, funcionando realmente como um memorial, no seu sentido mais estrito do termo, preservando e propagando a memória do seu homenageado, bem como, o próprio homenageado, através de sua importância histórica, faz com que esse lugar cresça e permaneça. Dessa forma, eles se confundem, ou seja, Santa Fé é Ibiapina, ao passo que Ibiapina é tudo em Santa Fé.

²⁹ Entrevista concedida por André Rodrigues ao autor em 19 de fevereiro de 2020.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa, para a construção desse trabalho, foi possível notar como as identidades do missionário Padre Ibiapina e do lugar do Santuário/Memorial de Santa Fé foram se mesclando ao longo dos anos, principalmente após o processo de tombamento implementado pelo IPHAEP, que patrimonializou o local e o transformou em lugar por excelência da memória de Ibiapina, reforçando um processo de identidade entre personagem e lugar que se iniciou desde a fundação da Casa de Caridade de Santa Fé, passando pela sua fixação definitiva nesse local, fazendo de Santa Fé sua morada, e após sua morte, atravessando as décadas até a atualidade, quando os habitantes da comunidade passam a ressignificar os usos desse espaço.

Dessa forma, em Santa Fé, o fluxo de pessoas não se limita ao uso histórico, religioso ou memorialístico do local, uma vez que, todas as manhãs e tardes, pessoas usam o amplo espaço do santuário para a prática de atividades físicas como caminhada, corrida, ciclismo, parkour, até um futebol improvisado para as crianças, ou simplesmente para conversar, uma vez que enxergam em Santa Fé um lugar de paz, não apenas no que tange o sentido religioso do lugar, mas também pela tranquilidade e pelo aconchego que o ambiente proporciona como local de lazer, muito pela paisagem e pelo amplo espaço, em que visitantes e fiéis podem se acomodar, demonstrando a ressignificação e reutilização exercida nesse espaço, sem denegrir ou prejudicar a história e o simbolismo do local ou do missionário.

Para isso, o tombamento foi de extrema importância, dando não apenas uma, mas várias utilidades para o espaço, mostrando que é possível tombado para proteger, preservar, e ao mesmo tempo dar novos significados e utilidades ao bem tombado. Destaca-se o fato de que isso foi feito sem que prejudicasse a memória de Ibiapina no local e para a comunidade, pelo contrário, fortaleceu ainda mais esse sentimento, sendo ele frequentemente celebrado e lembrado pelos fiéis, por curiosos, turistas e pelos próprios habitantes.

Por fim, é importante frisar como, apesar de se tratar de um personagem já tão amplamente estudado em outros escritos, biográficos ou historiográficos, principalmente no que tange ao espaço de sua principal Casa de Caridade, Santa Fé, ainda assim é possível se fazer estudos de caráter inédito, com outros e novos olhares e perspectivas sobre um mesmo objeto, como se fez aqui na análise do processo de tombamento do santuário, que o transformou em memorial, e assim, lugar primordial da guarda, preservação e propagação da memória do chamado “Servo de Deus”. Assim, espera-se que esse estudo tenha ajudado a suprir essas lacunas, e assim ajudar a engrossar a gama de novos estudos sobre Santa Fé e Ibiapina.

FONTES

Fontes Primárias

Deliberação N° 0093/2000 do CONCEP do IPHAEP de 23 de agosto de 2000;

Entrevista concedida pela Irmã Ana Clara ao autor em 19 de fevereiro de 2020.

Entrevista concedida por André Rodrigues ao autor em 19 de fevereiro de 2020.

Entrevista concedida pelo Padre José Floren ao autor em 29 de fevereiro de 2020.

Entrevista concedida por Maria Martins de Lima ao autor em 19 de fevereiro de 2020.

Entrevista concedida por Petrônio Ribeiro de Souza ao autor em 19 de fevereiro de 2020.

Laudo técnico da coordenação de arquitetura do IPHAEP de 20 de maio de 2000;

NASCIMENTO, Michel Galdino do. **Casa dos Milagres em Santa Fé-PB**. Fotografia 1, 2020.

NASCIMENTO, Michel Galdino do. **Ex-votos deixados pelos fiéis na Casa dos Milagres em Santa Fé-PB**. Fotografia 2, 2020.

NASCIMENTO, Michel Galdino do. **Parte externa do Casarão em Santa Fé-PB**. Fotografia 3, 2020.

NASCIMENTO, Michel Galdino do. **Vista superior interna do Casarão em Santa Fé-PB**. Fotografia 4, 2020.

NASCIMENTO, Michel Galdino do. **Casa de Padre Ibiapina em Santa Fé-PB**. Fotografia 5, 2020.

NASCIMENTO, Michel Galdino do. **Capela de Santa Fé-PB**. Fotografia 6, 2020.

NASCIMENTO, Michel Galdino do. **Fiéis em celebração no anfiteatro de Santa Fé-PB (vista frontal)**. Fotografia 7, 2018.

NASCIMENTO, Michel Galdino do. **Fiéis em celebração no anfiteatro de Santa Fé-PB (vista posterior)**. Fotografia 8, 2018.

NASCIMENTO, Michel Galdino do. **Parte externa da capela do túmulo de Ibiapina em Santa Fé-PB**. Fotografia 9, 2018.

NASCIMENTO, Michel Galdino do. **Sepulcro de Padre Ibiapina em Santa Fé-PB**. Fotografia 10, 2018.

Ofício N° 403/2000 da SUPLAN ao IPHAEP de 17 de abril de 2000.

Projeto de intervenção: construção do Santuário de santa Fé (Pe. Ibiapina);

Relatório inicial do processo N° 0060/2000 do IPHAEP de 5 de junho de 2000;

Relatório final do processo N° 0060/2000 do IPHAEP de 22 de agosto de 2000.

Fontes Secundárias

ALMEIDA, Ednaldo Fernandes de. **Padre Ibiapina e as casas de caridade**: contribuições educacionais no Nordeste do século XIX. Campina Grande. UEPB, 2014. 56 f. Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares), Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande-PB, 2014.

BEZERRA, Osicleide de Lima. **Trabalho, Pobreza e Caridade**: as ações do Padre Ibiapina nos sertões do Nordeste. Natal. UFRN, 2010. 196 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2010.

CARVALHO, Cláudio Sousa de. Padre Ibiapina e o imaginário popular. **ANPUH – XXII Simpósio Nacional de História** – João Pessoa, 2003. Disponível em: <<http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.22/ANPUH.S22.711.pdf>> Acesso em abril de 2020.

CARVALHO, Ernando Luiz Teixeira de. **Ibiapina e Santa Fé nos Desafios do Tempo**: Um Manuscrito do Século XIX em Confronto com Outros Textos. João Pessoa – PB: Ideia. 2015.

FLOREN, José. TEIXEIRA, Ernando (Orgs.). **Padre Ibiapina, por nossos bispos**: textos episcopais. João Pessoa-PB: Ideia. 2015.

LIMA, Danielle Ventura Bandeira de. **A caridade segundo Ibiapina**: História e imaginário na casa de Santa Fé. João Pessoa. UFPB, 2009. 181 f. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2009.

LUCENA, Damião. **Trilogia Missionária**: Padre Ibiapina, Padre Cícero e Frei Damião. João Pessoa: Moura Ramos, 2017.

MADEIRA, Maria das Graças de Loiola. **A Pedagogia feminina das Casas de Caridade do Padre Ibiapina**. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. Pe. Ibiapina: figura matricial do Catolicismo sertanejo no Nordeste do século XIX. **Revista do Instituto do Ceará, Fortaleza, Ano CXII**, 1998, p. 73-98. Disponível em: <<https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1998/1998-PadreIbiapinaFiguraMatricialdoCatolicismoSertanejodoNESeculoXIX.pdf>> Acesso em abril de 2020.

NASCIMENTO, Diógenes Faustino do. **O imaginário da libertação pela caridade**: Ibiapina e as missões de Santa Fé na Paraíba. João Pessoa. UFPB, 2017. 112 f. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2017.

NETA, Olívia Morais de Medeiros; SILVA, Gilson Lopes da. **As casas de caridade e as ações socioeducativas do Padre Ibiapina nos sertões do nordeste**. Sem Local. Sem Data.

Disponível

em:<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/viennhe/anais/trabalhos/eixo3/submissao_14699849381401472992491801.pdf> Acesso em março 2020.

PINTO JÚNIOR, Luís Araújo. O padre Ibiapina, precursor da opção pelos pobres na Igreja do Brasil. **Revista Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, Ano 34, n° 93, p.197-222, maio/ago. 2002. Disponível em: <<http://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/632>> Acesso em março de 2020.

REFERÊNCIAS

CABRAL FILHO, Severino. **A cidade revelada**: Campina Grande em imagens e histórias. Campina Grande: EDUFCG, 2009.

COMBLIN, José; et. al. **A continuidade dos trabalhos do Padre Ibiapina realizado com os cônegos regulares lateranenses**. 40 anos da Ordem dos cônegos regulares lateranenses: Província francesa – belga – holandesa no Nordeste. Solânea – PB: Canônica Casa de Acolhida MAGNIFICAT, 2009.

DANTAS, Elaine Teixeira. **Turismo no município de Solânea-PB**: reflexões em torno de um olhar geográfico. Guarabira. UEPB, 2014. 41 f. Artigo (Graduação em Geografia), Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira-PB, 2014.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio histórico e cultural**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2009.

GONÇALVES, José Reginaldo. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.) **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 21-29.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 1990.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e Memória**: a cultura popular revisitada. 6 ed. - São Paulo: Contexto, 2010.

NASCIMENTO, Michel Galdino do. **A Influência da Ação Social dos Religiosos Holandeses no Processo de Desenvolvimento de Arara-PB (Décadas De 1970 E 1980)**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso. Monografia (Graduação em História). Universidade Estadual da Paraíba. Campina grande –PB. 2018.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

POULOT, Dominique. **Uma História do Patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI**: do monumento aos valores. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

OLIVEIRA, Almir Félix Batista de. **Memória, História e Patrimônio Histórico**: Políticas públicas e a preservação do patrimônio histórico. São Cristóvão: Editora UFS, 2010.

TOLENTINO. Átila Bezerra (Org.). **Educação patrimonial**: reflexões e práticas. João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2012.

VIANA, José Ítalo Bezerra. **História Local**. Sobral-CE: INTA - Instituto Superior de Teologia Aplicada, 2016.